



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
THIAGO CERQUEIRA PEREIRA

**DO BOA NOITE AO VOTE EM MIM**  
QUANDO O JORNALISMO SE TORNA UM CAMINHO PARA A POLÍTICA

Salvador  
2010.2  
THIAGO CERQUEIRA PEREIRA

THIAGO CERQUEIRA PEREIRA

**DO BOA NOITE AO VOTE EM MIM**  
QUANDO O JORNALISMO SE TORNA UM CAMINHO PARA A POLÍTICA

Monografia apresentada junto ao curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Fernando da Costa Conceição

Salvador  
2010.2

Aos meus pais, a quem sou infinitamente grato.

# Agradecimentos

A minha família, primeiramente, pelo apoio irrestrito, valores ensinados e sacrifícios feitos em nome do meu futuro.

Ao professor Dr. Fernando da Costa Conceição, por me ensinar que o jornalismo é feito na rua, “gastando solas de sapato”, e que é essencialmente oposição. O resto é apenas “um armazém de secos e molhados”.

A Emiliano José, Agostinho Muniz, Luís Guilherme Tavares, Emerson José, Ana Spannenberg, Nadja Miranda e todos aqueles que contribuíram para este trabalho.

Aos amigos, mesmo que poucos, por depositarem esperanças em minhas decisões, ainda quando as chances de sucesso eram improváveis. Especialmente à Carine, a quem “gosto mais do que de pão de queijo”, e Daniele (Miss Piggy), minha consciência.

Ao Conspiração Futebol Clube (CFC). Eric, Robson, Alan e Matheus. Minha família dentro da faculdade.

Aos profissionais com quem trabalhei, em especial a Emerson Nunes, Carolina Parada e Manuela Matos.

A Jânio Lopo, editor de política do jornal Tribuna da Bahia, comprometido a me ajudar com este trabalho, mas impedido no dia 05 de março de 2010 pelo frágil coração.

*“O dever da imprensa é dizer a verdade, custe o que custar.  
Sobretudo se custar.”*

Hubert Beuve-Méry, fundador do jornal francês Le Monde

# Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar o processo em que jornalistas se lançam à política, observando as características que podem favorecer um comunicador em uma eventual eleição. Para tanto, foi feito um histórico do cenário político baiano, ressaltando os períodos em que os homens da imprensa assumiram o poder. Visibilidade, status social, credibilidade, popularidade e espaço para exposição de idéias. Fatores essenciais para o sucesso no processo eleitoral e diretamente ligados aos comunicadores. Principalmente os que planejam concorrer a uma eleição, transformando jornalismo em uma simples rampa eleitoral.

**Palavras-chave:** *Jornalismo. Política. Eleições. Visibilidade. Status social.*

# Abstract

This paper aims to analyze the process in which journalists are engaging the policy, observing the characteristics that may favor a communicator in any election. For this, we made a historic political scene in Bahia, noting the periods in which the men of the press came to power. Visibility, social status, credibility, popularity and exhibition space of ideas. Essential factors for success in the electoral process and directly linked to the communicators. Especially those planning to run for an election, transforming journalism in a simple ramp election.

**Keywords:** *Journalism. Policy. Elections. Visibility. Social status.*

# SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	09
1.1. OBJETIVO	14
1.2. JUSTIFICATIVA	15
1.3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	16
1.4. HIPÓTESES	17
<b>2. HISTÓRICO</b>	19
2.1. PRIMEIROS JORNALISTAS POLÍTICOS NA BAHIA	19
2.2. INÍCIO DO SÉCULO XX	25
2.3. PERÍODO PÓS DITADURA	31
<b>3. FATORES QUE PODEM BENEFICIAR NAS ELEIÇÕES</b>	34
3.1. DO IMPRESSO PARA AS RÁDIOS E A TV	42
3.2. O PATERNALISMO NO JORNALISMO POPULAR	44
<b>5. ESTUDOS DE CASO</b>	46
5.1. RAIMUNDO VARELA	46
5.2. SHEILA VARELA	53
5.3. UZIEL BUENO	55
<b>6. CONCLUSÕES</b>	57
<b>7. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA</b>	60
ANEXO A	65
ANEXO B	66
ANEXO C	67
ANEXO D	68
ANEXO E	69
ANEXO F	70
ANEXO G	71
ANEXO H	71
ANEXO I	72



## 1. INTRODUÇÃO

A estreita relação entre os meios de comunicação e a política, ou o fazer político, é tão antiga quanto a própria história do desenvolvimento da sociedade de massa. Desde a Roma antiga, mais precisamente em 59 A.C., quando o imperador Júlio César criou o primeiro jornal regular de toda a história, o *Acta Diurna*, governantes se utilizam de ferramentas de difusão de conhecimento para disseminar ideais e outras informações em nome do poder e da arte de governar. Um dos maiores exemplos da apropriação dos meios de comunicação para favorecimento da imagem política ocorreu na França, entre a segunda metade do século XVII e o início do XVIII, durante o reinado de Luís XIV, mais conhecido como o Rei Sol. O monarca absolutista manteve, enquanto detentor do poder e figura máxima do Estado, um engenhoso projeto de manipulação da opinião que reforçava os ideais do absolutismo francês e a imagem pública do soberano, fatores indispensáveis para a manutenção do regime político da época, conforme discorre Wilson Gomes no livro *Transformações da Política na era da comunicação de massa (2004)*.

Estudos recentes sobre o Rei Sol demonstram como esse episódio pode ser considerado, de maneira muito apropriada, uma experiência de política de opinião baseada em um esforço orquestrado e realizado no interior do Estado [...] O mais impressionante desse episódio é provavelmente o fato de que o centro do poder político tenha dedicado grande parte das suas melhores energias e das suas melhores mentes a um empreendimento que, tudo somado, consiste em *fazer ver, fazer pensar e fazer sentir* determinadas coisas a respeito de um sujeito e de um Estado que nele se encarnava. A construção da imagem pública do rei foi aí, talvez mais que em qualquer outro momento da história, um projeto de Estado. Talvez tenha sido até mesmo o grande projeto do Estado durante o longo reinado de Luis XIV, aquele que construiu o seu peculiar lugar na história. (GOMES, 2004, Pg. 363 e 364)

No Brasil, a imprensa sofre interferências políticas desde o período colonial, quando o *Correio Braziliense*, primeiro jornal do país, era impresso em Londres para fugir da censura e do abuso dos governantes. De acordo com Sérgio Mattos, na publicação *Mídia controlada, A história da censura no Brasil e no Mundo (2000)*, a atual interferência política no jornalismo no cenário nacional é derivada, principalmente, do caráter estritamente comercial que a imprensa brasileira adquiriu com o decorrer dos anos. Para Mattos, os veículos de comunicação são condicionados a cumprir uma determinada expectativa gerida pela autoridade do Estado por dependerem de recursos públicos para sobreviver. Um ciclo vicioso que termina por deturpar o sentido do jornalismo, que de ferramenta social é transformado em um simples negócio voltado para os lucros.

O controle sobre os meios de comunicação de massa torna-se mais evidente e compreendido quando constatamos que, assim como em outros países latino-americanos, os nossos veículos de massa se constituem basicamente em empresas vinculadas à iniciativa privada, cuja propriedade se concentra na mão de uns poucos grupos, apesar do Estado também possuir alguns veículos de mídia impressa e eletrônica. Outros elementos que nos ajudam a entender o controle do Estado sobre os meios de comunicação são as características dos nossos veículos de massa: sediados em áreas urbanas, são dirigidos às populações urbanas, orientados pelo lucro e funcionam sob o controle direto e indireto da legislação oficial. (MATTOS, 2000. Pg. 11)

Em Mattos, a imprensa, por ter se tornado estritamente comercial, está condicionada a ser controlada pela política por meios econômicos, já que depende do suporte financeiro gerado pela publicidade, incluindo propagandas de prefeituras e governos estaduais e federais, para gerar receita. O “controle” é reconhecido até mesmo pela Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais (Fenaj), que no dia 3 de maio de 2005 (Dia Mundial da Liberdade da Imprensa) emitiu uma nota oficial intitulada *Em defesa da democracia: Liberdade de imprensa e jornalistas respeitados*. “A liberdade de opinião e de imprensa continua ameaçada no Brasil, a despeito de vigorar no país um

regime de governo democrático. A liberdade prevalente continua a ser a liberdade do poder: poder político, poder econômico, poder patronal. Confunde-se Liberdade de Imprensa com liberdade de empresa, na qual o interesse público é muitas vezes relegado” (FENAJ, 2005).

A política, desta forma, sempre se utilizou de instrumentos de controle para “gerenciar” os meios de comunicação, seja por meios violentos, como no período da ditadura brasileira, com o AI5 e a censura à imprensa, ou através de elementos mais intangíveis, como em supostas trocas de favores e financiamentos por meio de publicidade. Guardada as devidas proporções, a prática repete a estratégia de Luís XIV, com o objetivo de *fazer ver, fazer pensar e fazer sentir* determinadas coisas a respeito de um indivíduo ou de um Estado para moldar a opinião pública em favor ou contra alguém. Em contrapartida, a história, incluindo a trajetória política baiana, é repleta de casos em que homens da imprensa se aproveitaram do status social e visibilidade oferecidos pelos meios de comunicação para se lançar na carreira política. Um fenômeno que surge com os primeiros jornais, principalmente os que assumiam grandes campanhas políticas, como a abolição da escravidão, a independência do Brasil e o civilismo; e aprimorado com a massificação dos meios de comunicação, principalmente com a espetacularização do fazer político.

Constitucionalmente, não há nada de errado quando comunicadores decidem se lançar na carreira política. Segundo a Carta Magna do Brasil, instituída em 1988, todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, igualdade, segurança e propriedade, sendo que qualquer cidadão pode candidatar-se a um cargo público, desde que possua a nacionalidade brasileira, o pleno exercício dos direitos políticos, o alistamento eleitoral, o domicílio eleitoral na circunscrição e filiação partidária. A lei também estipula que os jornalistas ou apresentadores se afastem dos meios em que trabalham para não cometer o crime de propaganda eleitoral antecipada. Entretanto, nada impede que, enquanto ativo, o comunicador aspirante a candidato amplie sua popularidade por meio dos jornais, programas radiofônicos e periódicos televisivos, principalmente aqueles voltados à parcela mais pobre da

sociedade. Tal risco só pode ser inibido pela condição ética de cada profissional, já que a utilização de meios jornalísticos para fazer campanha política ou alcançar objetivos em benefício próprio vai de encontro a princípios primordiais da profissão, aprendidos ainda na faculdade. O jornalista é prioritariamente um espectador privilegiado e não deve ser uma figura central do espetáculo. Ele é aquele que está diante dos fatos históricos e é responsável em divulgá-los. O indivíduo que está diante das grandes decisões, mas não deve tomá-las, que está próximo do poder, mas não pode se permitir tocá-lo.

Segundo o diretor da Associação Baiana de Imprensa (ABI), Agostinho Muniz, a utilização do jornalismo como um trampolim para outras carreiras, dentre elas a política, é muito antiga na Bahia. Ela já existia desde antes da década de 60, quando o extinto Jornal da Bahia ainda era uma das maiores publicações diárias do estado. “Quem começava a fazer jornalismo começava por acaso. Entrava na redação porque era amigo de alguém. Não tinham o jornalismo como profissão principal e sim como possibilidade de se lançar em outro meio, incluindo a política. Isso é tão verdadeiro que muitos jornalistas abandonavam as redações no momento em que se projetavam e conseguiam algo melhor”, relatou Muniz em entrevista realizada no início de 2010.

Grandes nomes da política baiana passaram por redações de jornais antes de exercer funções públicas. Dentre eles está o ex-senador da República Antonio Carlos Magalhães, que trabalhou, quando estudante, na cobertura da Assembléia Legislativa e em 1954 tornou-se deputado estadual pela União Democrática Nacional (UDN). O ex-governador do estado, Luiz Viana Filho, filho do também ex-governador Luiz Viana, foi outro jornalista que virou político. No livreto *Anotações preliminares para uma história da imprensa na Bahia* ele confessa que se tornou político após ganhar prestígio como correspondente dos jornais *Diário da Bahia* e *A Tarde*. Segundo Viana Filho, quase todos os intelectuais da década de 20 faziam jornalismo com a pretensão de entrar para a política, como Nestor Duarte e Aloísio de Carvalho. Relatos da época apontam o fundador do jornal *A Tarde*, Ernesto Simões Filho, como o único jornalista do período que ingressou na carreira política e voltou a exercer a profissão de comunicador. Atualmente, também temos Emerson José, que

durante doze anos foi vereador da cidade de Salvador e em 2008 retornou para a redação da TV Bahia. Aliomar Baleeiro, Ruy Barbosa, Fernando José, Getúlio Ubiratan, Emiliano José, Fernando José. Todos, em início, homens de imprensa que posteriormente ingressaram na carreira política.

Há ainda casos de comunicadores que desenvolveram papel político, assumiram a condição de pré-candidato, mas que nunca chegaram a se oficializar como concorrente em uma eleição. O principal caso do tipo, e mais recente, é o do radialista Raimundo Varela Freire Junior (PRB), aspirante à candidatura para a prefeitura de Salvador no pleito municipal realizado em 2008. No ano de 2007, Raimundo Varela, apresentador do Balanço Geral, programa televisivo de cunho jornalístico exibido diariamente às doze horas pela TV Itapoan, afiliada da Rede Record na Bahia, tornou-se um dos possíveis candidatos à gestão da capital baiana e fez de seu programa um poderoso cabo eleitoral para subjugar a gestão do então prefeito João Henrique Barradas Carneiro (PMDB). Na época, o principal foco do programa era o de apresentar os problemas da cidade, tecer sucessivas críticas ao gestor municipal, oferecer soluções aos problemas apresentados pela população e criar, com mais intensidade, meios assistencialistas, uma espécie de pão e circo moderno.

Varela também possuía o Balanço Geral nos bairros, um valioso instrumento que se assemelhava aos showmícios, executado quando os espetáculos musicais com pretensões políticas já não eram permitidos pela Justiça Eleitoral. A situação não fugiria a normalidade dos programas de cunho popular apresentados no Brasil, caso não fosse Raimundo Varela um pré-candidato às eleições e, portanto, um beneficiário direto do espetáculo que protagonizava. O resultado do circo político armado pelo apresentador não tardou a aparecer. Varela liderou as pesquisas de intenção de voto das eleições marcadas para 2008 juntamente com o ex-prefeito de Salvador Antonio Imbassahy (PSDB). “Uma pesquisa realizada pelo Instituto Data Quali, encomendada pelo DEM, mostra um equilíbrio de forças entre os pré-candidatos à Prefeitura de Salvador. O ex-prefeito Antônio Imbassahy encabeça a lista ostentando 19% das intenções de voto. Imbassahy é seguido de perto pelo apresentador Raimundo Varela (PRB), com 18%”, relata a edição

de 24 de setembro de 2007 do jornal Tribuna da Bahia, que apontava um empate técnico entre os dois pré-candidatos.

O apresentador Uziel Bueno (PTN) é, na Bahia, o caso mais recente de jornalista que se candidatou a um cargo público. Até o primeiro semestre de 2010, Uziel comandava o programa Na Mira, que explora a cobertura de crimes ocorridos em Salvador e Região Metropolitana (RMS). No dia 26 de maio, o comunicador deixou a TV Aratu, onde o programa era exibido, e pouco tempo depois anunciou a candidatura ao cargo de deputado estadual. As propagandas utilizadas por Uziel no horário político gratuito remetiam diretamente ao Na Mira, incluindo vinhetas e bordões, de forma que, tornou-se impossível dissociar o candidato do apresentador.

## **1.1 OBJETIVO**

Além de enumerar casos de jornalistas que se tornaram candidatos no decorrer da história baiana, o trabalho tem como objetivo analisar os fatores que podem beneficiar os comunicadores na transição de papéis, quando passam de espectadores privilegiados a personagens principais do jogo político. A configuração do discurso dos homens da imprensa enquanto ainda não eram candidatos é um dos pontos fundamentais da pesquisa, por possibilitar averiguar se houve influência antecipada e direta nos rumos da campanha ou na preferência do eleitorado. A imagem dos jornalistas perante o público é outro fator decisivo para o trabalho. Visibilidade, status social, espaço para críticas e exposição de ideias tornam-se, na atual esfera política, pautada na superexposição dos candidatos, fatores fundamentais para um pleito, além de comum aos homens de imprensa nas mais diversas épocas. Utilizar dos meios de comunicação para fazer campanha em benefício próprio ou de qualquer outro, no entanto, configura-se como uma afronta à ética jornalística e

também a própria legislação eleitoral, que não permite divulgação de imagem ou conteúdo político de forma antecipada à eleição.

A pesquisa, portanto, visa identificar se houve, na Bahia, a utilização do jornalismo para fazer campanha e se os jornalistas são beneficiados em pleitos políticos apenas por serem homens de imprensa. Se a popularidade e a credibilidade dos comunicadores o favorecem perante outros candidatos, que muitas vezes sequer são conhecidos do grande público. Definir se, afinal, o jornalismo, em suas diferentes épocas e seus mais variados vícios, pode ser considerado uma porta de entrada para o meio político.

## **1.2 JUSTIFICATIVA**

O trabalho justifica-se pela necessidade de compreensão da relação entre os campos da política e do jornalismo, incluindo a constituição de uma imagem pública a partir desta analogia, baseando-se em campanhas eleitorais contemporâneas e daquelas que envolveram comunicadores na história da Bahia. O fenômeno em que jornalistas candidatam-se a eleições não é novo, ocorre desde os primeiros passos da imprensa. Ainda sim, permanece atual, principalmente com as adaptações sofridas pela disputa do poder na era da comunicação de massa e da espetacularização da política. Ainda que não seja inédita, a pesquisa tem sua importância no momento em que traz ao âmbito regional um estudo acerca do jornalismo e da disputa pelo poder. Uma possível contribuição ao levantamento da história da Bahia, uma vez que se narra a trajetória dos homens de imprensa nas mais diversas épocas que terminaram por se candidatar a cargos públicos no estado, pautando na popularidade conseguida nos meios de comunicação um fator fundamental durante o processo eleitoral e, conseqüentemente, para o sucesso de jornalistas no campo político.

### 1.3. PROCEDIMENTOS METOLÓGICOS

A pesquisa envolveu a análise da existência não apenas de uma formatação de candidatos para uma rápida aceitação pública, mas também, como homens da imprensa em geral podem se aproveitar de sua posição para fortalecer seu discurso, promovendo a própria imagem e alcançando, por conseguinte, aceitação e votos dos eleitores. Também foi avaliado o perfil dos produtos em que os jornalistas atuavam antes de se candidatar. No passado, os meios impressos de teor combativo eram os que originavam o maior número de comunicadores com aspirações políticas. Atualmente, com a imagem e a criação de personagens visíveis e palpáveis ao público tornando-se um fator primordial para a política, a TV surge como mais frutífero para os jornalistas que se lançam candidatos. Destacam-se os programas populares, com tom opinativo, caracterizam-se como os meios para criação de personas paternalistas, com ligação indissociável à parcela mais pobre da sociedade, uma vez que cumprem o papel de ouvidoria e criam medidas assistencialistas para alimentar a audiência.

Para o desenvolvimento do trabalho, foram analisados jornais do período em que comunicadores candidatos, principalmente os periódicos *A Tarde* e *Tribuna da Bahia*. A internet, incluindo portais jornalísticos como o *Bahia Notícias* e o *Políticos do Sul da Bahia*, também foi utilizada como campo de referência do qual foram extraídos informações. Como referência bibliográfica, livros com a história da Bahia e autores que abordam a política na era da comunicação de massa, além de textos de jornalistas das mais diversas épocas da imprensa baiana.

Também foram realizadas entrevistas com jornalistas que se tornaram candidatos, a exemplo de Emiliano José, ex-deputado federal, e Emiliano José, por 12 anos vereador de Salvador. Comunicadores que vivenciaram a passagem de homens de imprensa para o meio político também foram ouvidos,



como Agostinho Muniz, que terminou por indicar Luís Guilherme Pontes Tavares, responsável por indicar parte da referência bibliográfica.

Para estudos de caso, três ocorrências de comunicadores que mantiveram, ainda que de forma indireta, ligação com campanhas eleitorais. O radialista Raimundo Varela, apresentador do Balanço Geral e pré-candidato à prefeitura de Salvador em 2008; Sheila Varela, que se tornou repórter em programas radiofônicos e na televisão meses antes de entrar em campanha para o cargo de deputado estadual; e, por fim, Uziel Bueno, apresentador do Na Mira e também candidato a deputado estadual nas eleições de 2010.

Para entender se houve favorecimento para esses três candidatos, foi analisado a composição dos programas que participavam e suas ações no período que antecedeu as eleições.

#### **1.4. HIPÓTESES**

A principal hipótese da pesquisa é que a imagem pública que o jornalista possui pode favorecê-lo na disputa política, assim como seu discurso, que traz consigo a idéia de obrigação com a busca pela verdade, firmado no código deontológico da profissão. No imaginário popular, os jornalistas atuam pelos seus deveres éticos, como o relato de fatos com rigor e exatidão, interpretando-os com honestidade; a clareza de distinção entre notícia e opinião; a recusa a funções suscetíveis à corrupção de seu estatuto de independência e integridade profissional. Acima de tudo, os comunicadores não devem se valer de sua condição profissional para noticiar assuntos em que tenham interesse.

Por possuírem fatores essenciais a aspirantes políticos em uma campanha eleitoral, como a visibilidade, o jornalista torna-se um candidato em potencial, transformando, em alguns casos, os meios de comunicação em uma possível arma de barganha eleitoral ou, mais propriamente, uma rampa de lançamento para candidatos a cargos públicos, deturpando a função natural que os jornais, ainda que de forma utópica, deveriam se propor a fazer:

divulgar informações verídicas, sem interesses políticos, econômicos ou religiosos.

O campo do jornalismo popular é, atualmente, o meio de maior produção de comunicadores que se candidatam a vida pública. A popularidade perante a massa, as campanhas assistencialistas, poder opinativo, oportunidade de criticar obras do governo e de se opor aos principais adversários sem ser questionado é de grande relevância para a campanha dos jornalistas que desejam se eleger e, na verdade, a qualquer homem que ambiciona tornar-se um político. Com um aliado de peso político considerável, o comunicador se torna favorito a vencer um pleito, como os vários exemplos contidos na história baiana nos mais diversos períodos históricos.

Não concordar com utilização dos meios jornalísticos para objetivos políticos implica na esperança da transmissão de informações sem vícios, ao invés do jornalismo como um simples palco destinado a um homem que, em pleno horário nobre da televisão brasileira, tempos antes de uma eleição, decida encerrar um telejornal de grande audiência com um saudoso “boa noite” e um audível “vote em mim”.

## **2. HISTÓRICO**

Talvez seja impossível definir quem na história da humanidade foi o primeiro homem da comunicação a se tornar efetivamente um político. A imprensa, propriamente dita, é historicamente recente. Data do século XV, com o aperfeiçoamento da prensa moderna por Johannes Guttenberg. Ainda assim, determinar o nome do pioneiro a migrar entre estas duas áreas é uma tarefa árdua e sujeita aos mais diversos questionamentos, já que desde os primórdios da sociedade de massa há quem se ocupe de divulgar informações, sejam comunicados políticos, econômicos e religiosos, ou fatos cotidianos, como a morte de um indivíduo em um deslizamento, a história da cozinheira que teve quadrigêmeos ou a volta de um grande ídolo a um time de futebol. Junta-se a isto, o fato de que, desde muito cedo, o homem ambiciona poder, seja ele um comunicador, um religioso, um economista, uma cozinheira com quadrigêmeos ou o ídolo de um time de futebol.

### **2.1. PRIMEIROS JORNALISTAS POLÍTICOS NA BAHIA**

Na Bahia, os registros históricos apontam o revolucionário Cipriano José Barata de Almeida como o primeiro homem da comunicação a passar para o meio político. Marco Morel, na biografia intitulada *Cipriano Barata na Sentinela da Liberdade (2001)*, descreve o surgimento da imprensa de opinião produzida no Brasil, em 1821, como o divisor de águas para a criação, em território

nacional, de um novo tipo de homem público, o jornalista, ou panfletário, chamado à época de redator ou gazeteiro, a que se constituía Cipriano Barata.

Entre as mudanças culturais vindas com a manifestação da modernidade política ocidental, surge este homem de letras, em geral, visto como portador de uma missão, ao mesmo tempo política e pedagógica. É o tipo do escritor patriota, difusor de idéias, pelejador de embates e que achava terreno fértil para atuar numa época repleta de transformações políticas. Ao contrário do que se possa imaginar, eles não tinham exatamente o mesmo perfil dos Filósofos iluministas ou dos Sábios enciclopedistas do século XVIII, embora invocassem a estes com frequência. Foi, sobretudo, a partir de processos com a Independência dos Estados Unidos, a Revolução Francesa e os movimentos liberais ibéricos, por exemplo, que surge este intelectual tão característico destes inícios de Era Contemporânea, do qual Thomas Paine<sup>1</sup> foi um dos paradigmas. Publicavam livros talvez, mas, sobretudo, impressos de combate imediato, de apoio/ataque a pessoas e facções e de propagação das “novas idéias”, dirigidos ao Povo e a Nação ou, mas precisamente, para formar estes. (MOREL, 2001. p. 164 e 165).

A imprensa da época era bastante rudimentar, mas conseguia atingir boa parte dos letrados dos grandes centros urbanos brasileiros. A quantidade de periódicos fervilhava nas principais cidades da ex-colônia de Portugal. Na Bahia, destacavam-se *O Constitucional* e *O Seminário Cívico*. “Havia uma circulação significativa de impressos nas províncias e da Corte pelo território brasileiro, criando como que uma rede que interligava os círculos letrados: através destes impressos as pessoas aliavam-se, insultavam-se e conheciam-se, manifestando-se publicamente” (MOREL, 2001). O embrião de jornalismo que se formava era notoriamente um instrumento de cunho político. Sempre com estilo panfletário, por vezes muito agressivo, visava o convencimento da população para causas revolucionárias e sociais. E assim também foram as publicações de Cipriano Barata, respeitando as características dos jornais da primeira metade do Século XIX: produzidos por um homem só, artesanais, mais doutrinários que factuais, impressos e vendidos em tipografia, e dotados

---

<sup>1</sup> Thomas Paine (1737-1809) foi um político britânico, além de panfletário, revolucionário, inventor, intelectual, e um dos fundadores dos Estados Unidos da América. Também influenciou a Revolução francesa.

de uma linguagem veemente, por vezes no tom ácido de uma crítica, outras como se fosse um conselho fraterno.

A primeira edição do jornal de Cipriano Barata, o *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco, Alerta!* foi veiculada no dia 9 de abril de 1823, uma quarta-feira, em Recife. Era impresso na Tipografia Cavalcanti e Companhia e tinha em média quatro páginas, ao preço de 40 réis. Ia às ruas de quarta a sábado, por vezes com suplementos, o que elevava o seu valor. Segundo Morel, o jornal “teve grande repercussão nacional e era lido em todo o país, como comprovam as cartas de leitores, manifestos e abaixo-assinados vindos do Rio de Janeiro, Piauí, Bahia, Paraíba e Pernambuco, entre outras províncias. Nesta primeira fase, o jornal teve importância nos eventos históricos, como agente protagonista (e não apenas registrando o que se passava), na medida em que acompanhou e debateu a guerra de independência na Bahia, os trabalhos da Assembleia Constituinte e a mobilização que antecedeu a Confederação do Equador”. Cipriano fazia política ainda enquanto jornalista, utilizando-se do veículo em que atuava como um porta voz para causas revolucionárias, as suas, especialmente. Ganhou grande notoriedade pública por meio do periódico, tornando-se famoso entre os que defendiam a independência. Era questão de tempo para que migrasse “oficialmente” para a política. “A atividade jornalística transbordou rapidamente para o campo eleitoral – já que ambas formavam os mecanismos de práticas políticas. Cipriano Barata foi o deputado mais votado para a Assembleia Constituinte de 1823 em todo o Brasil – o que se explica pelo colégio eleitoral baiano ser um dos maiores. Foi eleito pela Bahia com 612 votos e o único reeleito das Cortes de 1821 na província – e, ao que se consta, sem ter retornado à sua terra natal, permanecendo em Recife” (MOREL, 2001). Segundo Luís Henrique Dias Tavares, em *História da Bahia (2006)*, Cipriano Barata foi o “grande jornalista político do período geralmente chamado de 1º império (1823-1831)”.

Além de Cipriano, outros panfletários conseguiram, na época, conquistar vagas na Assembleia Brasil afora. O editor do *Revérbero Constitucional Fluminense*, Joaquim Gonçalves Ledo, com 134 votos, se elegeu deputado provincial pelo Rio de Janeiro. O padre Venâncio Henrique de Resende,

redator do *Gazeta Pernambucana*, também assumiu funções políticas. Em 1823 se mudou para o Rio de Janeiro para ocupar a cadeira de deputado constituinte. Apenas uma amostra de que as pregações panfletárias da época conseguiam repercussão e grande visibilidade entre os setores da população com direito de voto. “Cipriano Barata, eleito, não tomou posse, recusou-se a ir e continuou em Pernambuco. Por outro lado, decidiu realizar seu trabalho de parlamentar através do jornal, comentando, debatendo e propondo medidas” (MOREL, 2001). Pelas críticas ao governo de José Bonifácio de Andrada e Silva, ministro do imperador Dom Pedro I, e por insuflar a população contra decisões políticas tomadas na época, Cipriano foi preso em novembro de 1823 e permaneceu detido até 1830. Morreu oito anos depois, aos 57 anos e muito doente.

Cinquenta anos depois, foi a vez de outro baiano ilustre deixar o papel de jornalista para assumir, com destaque, funções políticas na Bahia. Ruy Barbosa de Oliveira, filho de um jornalista que também se tornou político, começou na imprensa em meados de 1870, em São Paulo, ao lado do poeta Luís Gama, quando fundou o jornal abolicionista *Radical Puritanismo*. Logo em seguida retornou para a Bahia, onde ingressou no *Diário de Notícias*, jornal do qual foi diretor.

Aí se firmou como jornalista, pelo estilo dos seus artigos, ideias e propostas que defendia. Era diretor do Diário de Notícias quando comandou a campanha pela reforma das instituições políticas fixando-se no federalismo. Foi na defesa dessa ideia que Ruy Barbosa se encontrou com os republicanos. Sua campanha no Diário de Notícias minou o governo monárquico-unitário e criou convicções federalistas que facilitaram a proclamação da República Federativa do Brasil (TAVARES, 2006, Pg. 372).

Ruy Barbosa já possuía prestígio na sociedade baiana antes mesmo de escrever para jornais, no entanto, foi nas redações que ganhou destaque, principalmente pelos artigos em defesa da abolição da escravatura. Em 1877 foi eleito deputado pelo seu estado natal. No ano seguinte, se elegeu deputado

à Assembleia da Corte. Ainda enquanto trabalhava no Diário de Notícias, dirigiu a campanha pela reforma das instituições políticas fixando-se no Federalismo<sup>2</sup>. “Foi na defesa dessa idéia que Ruy Barbosa se encontrou com os republicanos. Sua campanha minou o governo monárquico-unitário e criou convicções federalistas que facilitaram a proclamação da República Federativa do Brasil<sup>3</sup>”. (TAVARES, 2006). Também compôs o Governo Provisório de Marechal Deodoro da Fonseca, primeiro presidente da República, no qual ocupou o cargo de ministro da Fazenda. Foi ainda candidato a presidência em 1894, ficando em quarto lugar. Nove anos depois, voltou a cogitar a disputa do cargo mais alto do país, no entanto, se retirou do pleito para apoiar Afonso Pena. Na eleição de 1910, Ruy Barbosa integrou, com o então presidente de São Paulo, Dr. Albuquerque Lins, a chapa dos candidatos da soberania popular na Campanha Civilista. O país se dividiu: Bahia, São Paulo, Pernambuco, o estado do Rio de Janeiro e parte de Minas Gerais, apoiaram o escritor, jornalista e político baiano. Os demais estados apoiaram a candidatura de Hermes da Fonseca, que tinha Wenceslau Brás como seu vice. Hermes e Wenceslau Brás venceram com 403.867 votos contra 222.822 votos dados a Ruy Barbosa. O intelectual baiano concorreu outras duas vezes à presidência da República. Em 1913, quando foi derrotado por Wenceslau Brás, e em 1919, quando perdeu para Epitácio Pessoa. Em 1921 renunciou à cadeira de Senador de "coração enjoado da política". A Bahia, que ele chamou de "mãe idolatrada", no entanto, o reelegeu senador novamente, fato que ele descreveu como um ato de obediência, em que se abdica da liberdade, para se submeter às exigências do Estado natal.

Na mesma época, Manoel Vitorino Pereira se sagrou governador do estado da Bahia e assumiu o estado no primeiro momento da proclamação da República – 22 de novembro de 1889 a 26 de abril de 1890. Em abril de 1885, Vitorino havia assumido a secretaria do diretório do Partido Liberal e a chefia de redação do jornal *Diário da Bahia*. Publicava, principalmente, artigos em defesa da imediata abolição do trabalho escravo e da transformação do Brasil monárquico-unitário em monárquico-federativo.

---

<sup>2</sup> Campanha para que o Brasil deixa-se de ser um império para se tornar uma república federativa.

<sup>3</sup> A proclamação da república no Brasil ocorreu em 15 de novembro de 1889.

Primeiro governador republicano da Bahia, Manuel Vitoriano foi autor de 'atos' ousados que aterrorizaram as oligarquias baianas dominantes e as conduziram ao movimento que o depôs. Participou ativamente da primeira Assembleia Constituinte da Bahia, foi senador federal em 1892. Nesse período distanciou-se de Ruy Barbosa e aproximou-se da linha republicana favorável a um centro de poder nacional unitário. Em 1894 foi eleito vice-presidente da República Federalista do Brasil com 266 mil votos. Ocupou a presidência cioso de sua autoridade, tanto que organizou seu próprio ministério. Morreu de colicite intestinal na manhã de 9 de novembro de 1902 como o único baiano a chegar à Presidência da República” (TAVARES, 2006, Pg. 354).

Inspirados nos panfletos publicados no início do século XIX, vários periódicos surgiram na Bahia, principalmente entre os anos de 1870 e 1930. Todos, senão a grande maioria, possuíram futuros políticos como diretores, repórteres ou articulistas. O *Correio da Bahia*, de 1875, foi dirigido por Aristides Milton e Artur Rios, eleitos deputados pela Bahia no Congresso Constituinte Republicando, sendo que o segundo ascendeu também à presidência da Câmara Federal. No *O Século*, escreveu o pai de Ruy Barbosa, João José Barbosa de Oliveira. O *Norte* era chefiado por Joaquim Pires, advogado que se elegeu deputado federal. O periódico *A Bahia*, de 1896, tinha como diretor Castro Rebelo Junior, que além de jornalista era político e poeta. Severino Vieira dos Santos, senador da República e presidente do estado, adquiriu o *Diário da Bahia* em 1901, jornal que administrou até o ano de sua morte, em 1917. A extensa lista de jornalistas que migraram para o campo político se deve, principalmente, ao jornalismo extremamente combativo realizado no período. Segundo Aloísio de Carvalho Filho, no livro *Apontamentos para a História da Imprensa na Bahia* (2008), organizado por Luís Guilherme Pontes Tavares, Geralmente, os profissionais integravam os periódicos que correspondiam à sua ideologia, o que se traduzia em um caminho quase que obrigatório para a carreira política.



Era uso, então, inculcarem os jornais, logo pelo batismo, a missão política, crítica ou puramente literária, a que se propunham. Ninguém, por certo, duvidaria das intenções d'O *Abolicionista*, nem dos propósitos, mais que evidentes, de um jornal que se nomeava *A República Federal* e de outro que, já proclamada a república federativa, mas ainda não de todo contidos os pruridos de restauração, se declarava, enfaticamente, *O Republicano* (1897). E quanto ao mais, periódicos como *O Pamtheon*, *O Álbum*, *Nova Cruzada*, *O Papão*, para só falarmos de alguns que recrearam os baianos na última década do século XIX e na primeira do XX (FILHO, 2008, Pg. 81).

## 2.2. INÍCIO DO SÉCULO XX

A prática, que já era recorrente, intensificou-se a partir de 1920, época em que alguns jornalistas deixaram as redações e se tornaram grandes nomes da política baiana. Na época, o jornalismo ainda era bastante amador, feito por jovens advogados e médicos que achavam na redação um local para expor seus anseios e iniciar uma carreira. Apesar de ainda muito politizados, os periódicos já não eram tão agressivos quanto seus antecessores. A política continuava como tema principal, mas dividia espaço com assuntos relativos à cidade. De acordo com Luiz Viana Filho, também no livreto *Apontamentos para a História da Imprensa na Bahia*, o período se configurou como o “início de uma nova era”. É necessário lembrar, antes de tudo, que, apesar da evolução, em 1920 o jornalismo pouco se parecia com o atual. Os jornais não eram vistos como empresas comerciais, mas sim, acima de tudo, como um instrumento político, seja do governo ou da oposição. Os repórteres e redatores eram amadores, em geral intelectuais boêmios ou jovens que tinham o olho mais na política do que no ordenado “pois, assim como Joaquim Nabuco pôde escrever que as Faculdades de Direito eram, na primeira metade do século XIX, espécie de ante-sala do parlamento, os jornais passaram a ser seguro degrau para a vida pública”. (VIANA FILHO, 2008).

Antonio Muniz Sodré de Aragão inaugurou a passagem do jornalismo para a política na Bahia nos primeiros anos do século XX. Iniciou no jornalismo em 1895, na *Gazeta de Notícias*, tendo ainda atuado no *Correio do Brasil* e na *Gazeta do Povo*. Em 1909 foi eleito deputado estadual no grupo chefiado por José Joaquim Seabra, quem efetivamente o fez eleger e a quem sucedeu e também foi sucedido como governador do estado. Foi deputado federal entre os anos de 1912 e 1916. No dia 29 de março de 1916, assumiu o governo da Bahia, exercendo o mandato até 29 de março de 1920. Comandou o estado sob forte crise em razão da I Guerra Mundial. As exportações agrícolas – principal esteio da economia local – foram suspensas. Na capital o clima de insatisfação se agravava, o que provocou a eclosão de várias greves, sendo a maior e mais traumática delas a dos professores municipais de 1918. Conseguiu, com o péssimo governo, unir os jornais de oposição e situação contra a sua gestão. Foi ainda senador entre 1920 e 1927. Morreu no Rio de Janeiro, no dia 9 de junho de 1940.

Ernesto Simões da Silva Freitas Filho, o fundador do jornal *A Tarde*, também foi um jornalista que assumiu funções políticas, tendo retornado, no entanto, após o fim de seu mandato, à redação do veículo de comunicação que havia criado. Nasceu no dia 4 de outubro de 1886, em Cachoeira, e aos 14 anos de idade já havia criado um pequeno jornal caseiro, chamado *O Carrasco*. Em 1904, publicou um jornal chamado *O Papão*, com caráter humorístico e satírico. Segundo Jorge Calmon, no livro *Memória da Imprensa Contemporânea da Bahia*, organizado por Sérgio Mattos, Simões Filho já era, à época, “um autêntico jornalista”. Formou-se pela Faculdade Livre de Direito da Bahia, época em que já trabalhava como jornalista. No ano de 1912 fundou o jornal *A Tarde*, que seria considerado o grande órgão renovador da imprensa baiana. Foi partidário de J. J. Seabra até 1915, de quem depois se tornou grande inimigo. O *A Tarde*, sob as mãos de Simões Filho, esteve envolvido na polêmica eleição de 1919, quando o governo divulgou a vitória de J. J. Seabra. O periódico questionou o triunfo e proclamou a eleição do ex-deputado federal Paulo Fontes. No mesmo dia, várias manifestações violentas ocorreram em Salvador. Seabra acabou legitimado como governador e assumiu a gestão do estado em 1920. O poder da imprensa de oposição e a campanha política dos

jornais, no entanto, havia criado o medo de uma guerra civil na Bahia, a exemplo da Revolta Sertaneja<sup>4</sup>.

Simões Filho elegeu-se deputado federal para o triênio 1924-1926, período em que deixou a direção do *A Tarde* e se transferiu para o Rio de Janeiro. Obteve um novo mandato em março de 1927, período em que foi líder da maioria na Câmara de Deputados. Foi exilado em 1930 e só retornou ao Brasil em 1933, quando passou a fazer política pelo jornal, combatendo ou apoiando governadores e outras figuras de importância significativa para a sociedade baiana. Com a redemocratização do país em 1945, foi partidário da candidatura vitoriosa do general Eurico Gaspar Dutra à presidência da República. Em janeiro de 1951, como resultado das articulações políticas que contribuíram para a volta de Getúlio Vargas à presidência no pleito de outubro de 1950, foi nomeado ministro da Educação e Saúde. Em 1954 se candidatou ao Senado, mas fracassou. Retornou à direção do *A Tarde*, jornal que gerenciou até o ano de sua morte, em 1957.

Nasceu jornalista, e jornalista morreu. Quem melhor do que ele, ao redigir uma nota, fosse ela qual fosse, uma estocada política ou triste notícia de falecimento, sabia colocar a medida justa, adequada, capaz de conquistar a opinião do leitor ou sensibilizar-lhe os sentimentos? Realmente, na arte do jornalismo era ele incomparável, e ninguém o superava ou sequer igualava. A cada passo, estivesse onde estivesse, jornalista, deputado, ministro, Simões Filho se assinalava pela sutileza do espírito ou a ironia do observador. (VIANA FILHO, 2008, Pg. 143).

O próprio Luiz Viana Filho, herdeiro do último governador da Bahia no século XIX, Luís Viana, exerceu a profissão de jornalista antes de se ocupar do Governo do Estado. Começou escrevendo para os jornais *Diário da Bahia* e *A Tarde* em 1924 e se consagrou, posteriormente, na carreira política. “Quando cheguei à imprensa após a queda de Seabra e a consequente ascensão da

---

<sup>4</sup> Jornais da época divulgaram que o coronel Horácio Queirós de Matos, conhecido como senhor dos jagunços, estaria revoltado com a vitória de Seabra e invadiria Salvador com mais de três mil homens de armas em mãos.

oposição, que longa, árdua e energicamente se batera contra o ex-governador, arregimentada em torno de Ruy Barbosa, a vitória levava para a Câmara Federal ou para o Rio grandes figuras do jornalismo baiano, vários deles antigos proprietários de jornais. Basta lembrar Homero Pires, Lemos Brito e Virgílio de Lemos” (VIANA FILHO, 2008). No *A Tarde*, Viana Filho fazia oposição ao Governo Provisório de Frederico Augusto Rodrigues da Costa, em 1930. Na época, publicou na *Revista de Cultura Jurídica*, que ele próprio havia criado com amigos em 1929, o artigo “A Constituição e as Minorias”. Foi eleito para a Câmara Federal nas eleições de 1934. Em 1946 foi eleito para a Assembleia Nacional Constituinte. Posteriormente, se tornou o primeiro governador baiano eleito pela Assembleia Legislativa por via indireta, fato ocorrido já no período dos governos militares, entre 1967 e 1971, por meio de indicação do presidente Castelo Branco. Morreu em 1990, quando trabalhava na biografia de Euclides da Cunha.

A passagem de jornalistas para a política diminuiu a partir de 1960. Segundo o diretor da Associação Baiana de Imprensa (ABI) Agostinho Muniz, no livro *Memória da Imprensa Contemporânea na Bahia* (2008), a ditadura militar foi um dos fatores fundamentais para que o processo entrasse em declínio. “Era, no tempo de Luiz Viana, nas décadas de 30 e 40. Não no meu tempo, pois, quando entrei no jornal, já não havia isso. Eu não me lembro, mas alguns poucos jornalistas que conheci, como Fernando Pessídio e Sebastião Nery, viraram políticos. A partir da década de 60 para cá, o que acontecia muito era o jornalista ganhar destaque e importância ao chegar à editoria de política e isso, muitas vezes, o levava a ocupar cargos no governo. Jorge Calmon mesmo foi chamado para ser secretário da Justiça. Acredito que tenha sido por causa da competência dele como bacharel em Direito, além dele ter sido, antes, deputado constituinte”. (MUNIZ, 2008). Além do destaque gerado pelo caderno de política, havia a utilização do jornalismo baiano como uma ferramenta de manipulação de interesses. Ao invés de prestarem serviço à sociedade, os jornais favoreciam o jogo político e a defesa de verdadeiros “negócios”.

Antonio Carlos Magalhães trabalhou, quando estudante, fazendo a cobertura da Assembleia Legislativa. Conta-se que, como jornalista presente a uma sessão da Assembleia, ouviu um deputado fazer críticas, não sei se ao pai dele ou ao reitor Edgar Santos. Pediu um aparte para responder e o fato acabou em briga. Luiz Viana Filho foi outro jornalista que virou político [...] Ele confessa que entrou na política depois de ter entrado no jornalismo. Antes já tinha trabalhado em pequenos jornais e, em 1928, foi trabalhar no jornal *A Tarde*, onde permaneceu até 1934. Segundo ele, quase todos os intelectuais, na década de 1920, faziam jornalismo com a pretensão de entrar na política e cita vários nomes, tais como Nestor Duarte e Aluísio de Carvalho. Como se pode ver, a política se misturava com o jornalismo. Aliomar Baleeiro foi outro que também começou no jornalismo e terminou fazendo política, exclusivamente. No meu tempo o jornalismo tinha grandes mazelas. Alguns jornalistas escreviam de acordo com conveniência de interesses fora da redação. Conheci um jornalista que escrevia sistematicamente no jornal para atender os interesses do Governo do Estado (MUNIZ, 2008, Pg. 25).

Muniz, portanto, atesta a utilização do jornalismo como um cabo eleitoral na Bahia, onde comunicadores entravam nas redações com o objetivo de formar uma rede de contatos que os permitissem ingressar, posteriormente, na política. Da redação, os jornalistas ganhavam popularidade perante a sociedade, fator fundamental a qualquer homem público. Uma poderosa ferramenta que até mesmo o maior nome da política baiana aderiu. Em entrevista publicada no livro *Memória da Imprensa Contemporânea da Bahia* (2008), Antonio Carlos Magalhães, ou simplesmente ACM, como ficou nacionalmente conhecido, afirma que se não fosse o jornalismo, não seria político, devendo, portanto, à profissão do papel e caneta o gosto pela política.

ACM começou a carreira no jornalismo com 17 anos, no ano de 1945, pelo *Estado da Bahia*, um dos braços do *Diários Associados*, rede de comunicação pertencente a Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, o Chatô. De início, Antonio Carlos Magalhães atuou no caderno de esportes, com a cobertura de jogos de futebol. Depois passou a ser repórter auxiliar do jornal e repórter de política. “Tinha muito gosto pela política por ser bom estudante e bom político, fosse na faculdade fosse no Colégio da Bahia. Fui presidente do diretório acadêmico do ginásio e da faculdade, fui orador da turma, enfim, fiz parte de todas as lideranças” (MAGALHÃES, 2008). O próprio

ACM reconhece que ser um homem da imprensa foi fundamental para o início da carreira política, o que reforça a teoria do beneficiamento político de jornalistas, seja por meio do estabelecimento de contatos privilegiados, seja por ocupar o imaginário popular de forma direta através dos meios de comunicação.

Através do jornal, eu lidei com muitos políticos, principalmente Juracy Magalhães. E fiz carreira jornalística na Assembleia Legislativa até 1954 quando, de redator de debates, passei a deputado estadual. O ACM jornalista era um tanto faccioso, não era um jornalista imparcial. Naquele tempo, nós pertencíamos a uma facção política que lutava contra outra facção, os chamados autonomistas dirigidos pelo dono do *A Tarde*, Simões Filho. Cada um fazia o seu jornalismo de acordo com o seu interesse político. Claro que havia fatos que não se podia negar a evidência, mas, sempre que era possível, puxava para a sua corrente política. Hoje ainda acontece isso. O nosso *Correio da Bahia*<sup>5</sup>, por exemplo, é muito governista. *A Tarde* é muito oposicionista. Nem um nem outro deveria estar nesta posição. (MAGALHÃES, 2008, Pg. 45 e 46).

ACM se candidatou à Câmara Federal em 1958, quando conquistou seu primeiro mandato nacional. Foi reeleito deputado federal sucessivamente em 1962 e 1966. Ainda durante o terceiro mandato, em 1967, foi nomeado prefeito biônico de Salvador, para o período de 1967 a 1970. Em 1971 foi nomeado governador do estado pela primeira vez, com mandato até 1975. Foi ainda presidente das Centrais Elétricas Brasileiras SA (Eletrobrás) e membro do Conselho de Administração da Itaipu Binacional no biênio 1976-1978. Eleito novamente governador da Bahia, cumpriu mandato entre 1979 e 1983. Assumiu o Ministério das Comunicações durante o governo José Sarney, de 1985 a 1990. Em março de 1991 assumiu pela terceira vez o governo do estado. Foi eleito senador da república entre 1995 e 2003 e reeleito posteriormente. Ciente dos benefícios que conseguiu na redação, atribuiu à profissão de jornalista, exercida ainda na adolescência, o fator principal para todo o sucesso que obteve na carreira política.

---

<sup>5</sup> A entrevista foi concedida na época em que Paulo Souto (DEM) era o governador da Bahia. O *Correio da Bahia* é pertencente à família de Antonio Carlos Magalhães (DEM).

Se eu não fosse o jornalismo, eu não seria político. Então, eu devo ao jornalismo o gosto pela política. A vocação que tive na política, juntamente com o conhecimento das pessoas que eu tive no jornalismo fez com que eu me relacionasse bem com todos os proprietários de jornais de todo o Brasil. Seja de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília. Deixei de ser jornalista para ser fonte. (MAGALHÃES, 2008, Pg. 47).

## 2.1. PERÍODO PÓS-DITADURA

O Brasil voltou à legalidade democrática com a promulgação da constituição de 1988. O fim da ditadura militar provocou uma série de mudanças no cenário político brasileiro. Com a abertura, todo brasileiro, desde que filiado a um partido, podia votar ou se candidatar a um cargo público. Alguns jornalistas que combatiam a ditadura aproveitaram a oportunidade para ingressar na política. É o caso de Emiliano José (PT), que começou a carreira no *Tribuna da Bahia* e passou por grandes periódicos, como o *Jornal da Bahia*, *O Estado de São Paulo* e *O Globo*, além das revistas *Afinal* e *Visão*. Foi integrante da imprensa alternativa nos tempos da ditadura, quando fundou o *Em tempo* e colaborou para os jornais *Opinião* e *Movimento*. Em 1977, na publicação alternativa baiana *Invasão*, que desafiava a ditadura militar, assinou uma reportagem com o título *Chumbo Neles*, em que denunciava a contaminação dos operários da Cobrac (Santo Amaro da Purificação) por chumbo. Em 1988 foi eleito deputado estadual pelo PMDB. Defendeu o Governo Democrático do governador Waldir Pires e destacou-se na Assembléia Constituinte Estadual da Bahia por defender a liberdade religiosa, o ensino público, gratuito e de qualidade, o controle externo do Poder Judiciário e a reforma agrária. Em 2000, foi eleito vereador de Salvador com 7.249 votos e escolhido líder da Bancada do PT na Câmara Municipal. Entre os anos de 2003 e 2006 exerceu o mandato de deputado estadual na Assembléia Legislativa da Bahia. Obteve 25.691 votos na eleição de 6 de outubro de 2002. Em 2009,

Emiliano assumiu o cargo de deputado federal, substituindo Walter Pinheiro (PT), que integrou o secretariado do governador da Bahia, Jaques Wagner. Atualmente, escreve artigos, resenhas e ensaios para a revista *Caros Amigos e A Tarde*.

Também no final da década de 1980, o radialista Fernando José Guimarães Rocha foi eleito, por voto direto, prefeito de Salvador. Fernando José era apresentador do Balanço Geral, programa radiofônico de cunho jornalístico veiculado pela Rádio Sociedade desde 1979. Com a grande audiência do programa, tornou-se figura comum no imaginário dos soteropolitanos, que o elegeram como gestor municipal no ano de 1989. Filiado ao PMDB, Fernando José, além de possuir a visibilidade adquirida por meio do rádio, contou com apoio de seu antecessor na administração de Salvador, Mário Kertész, que após deixar a gestão municipal adquiriu três emissoras radiofônicas na capital baiana. Fernando José também foi apadrinhado pelo empresário Pedro Irujo, na época proprietário da Rádio Sociedade e da TV Itapoan. Como candidato, portanto, Fernando José já possuía apoio de nomes importantes da sociedade baiana, além de ter conseguido grande projeção com o Balanço Geral, que desde o início se consagrou como um programa de jornalismo opinativo e também voltado para o assistencialismo popular, o que terminava por criar uma imagem paternalista do apresentador.

Em 1996, foi a vez de Emerson José concorrer em uma eleição. Originário de Minas Gerais, o jornalista conseguiu grande prestígio à frente do BA-TV Segunda Edição, telejornal exibido pela TV Bahia. “Na época o programa tinha uma audiência espetacular. Os amigos me aconselhavam a entrar na política. Diziam que eu tinha política no sangue, já que gostava de comentar sobre o assunto. Então decidi concorrer a eleição para vereador de 1996. Fui muito feliz. Assumi com cerca de cinco mil votos, depois concorri novamente e fui reeleito com mais de 10 mil votos”, disse Emerson José em entrevista concedida no segundo semestre de 2010.

Conforme exige a legislação eleitoral, Emerson José se afastou do jornal antes de se candidatar. Caso contrário, corria o risco de ser punido por propaganda eleitoral antecipada. No entanto, já possuía grande visibilidade



fornecida pelo jornal que apresentava. “Depois do meu desligamento caí na campanha. Naquela época não tínhamos dinheiro. Eu só possuía quatro faixas, que sempre reutilizava em cada encontro”, disse o jornalista, que cumpriu três mandatos na Câmara Municipal de Salvador e retornou para a TV Bahia, onde atualmente apresenta o Fala Bahia, programa que também é veiculado pela rádio Bahia FM. “Acabei fazendo o inverso do que as pessoas normalmente fazem, que é entrar no jornalismo e depois passar para a política. Até porque pela rádio e pela TV eu também consigo ajudar a população”.

Atualmente, a política baiana conta com o deputado estadual Getúlio Ubiratan (PMN) como exemplo de jornalista que se tornou político. Antes de se eleger parlamentar, ele foi locutor em diversas rádios e apresentador de diversos programas de televisão, incluindo a TV Sul Bahia, com base em Teixeira de Freitas, região Sul do estado, filial da Rede Internacional de Televisão, de propriedade da Igreja Internacional da Graça de Deus. Getúlio Ubiratan também foi vereador na cidade de Linhares, no Espírito Santo, pelo Partido da Frente Liberal (PFL), entre os anos de 1989 e 1992. No estado capixaba, antes de se eleger, atuou na Rádio e TV Gazeta, Tribuna e Rádio Vitória, meios em que conseguiu grande popularidade.

Nas eleições de 2010, o apresentador Uziel Bueno (PTN) candidatou-se ao cargo de deputado estadual e conseguiu pouco mais de 28 mil votos em todo o estado, tornando-se suplente. Ele deixou o Na Mira, programa que comandava, no dia 26 de maio, após desentendimentos com a TV Aratu. Pautou a campanha em referências à sua carreira como apresentador, como a utilização do bordão “o sistema é bruto”. As vinhetas e o próprio discurso de Uziel Bueno remetiam diretamente ao “Na Mira”, tornando-se impossível dissociar o candidato do apresentador e ligando-o diretamente à popularidade e audiência do programa.

### 3. FATORES QUE PODEM BENEFICIAR UM CANDIDATO NAS ELEIÇÕES

Dentre os principais fatores que podem determinar uma eleição está a visibilidade, sendo fundamental para o mundo da política que os candidatos sejam avaliados de forma positiva pelo público e lembrados pelo seu eleitorado. Para tanto, os partidos investem, a cada ano, milhões em publicidade, sempre visando estabelecer a figura de um indivíduo no imaginário popular. Segundo Jean-Marie Domenach, em *La Propagande Politique* (1962), a propaganda política foi um dos fenômenos fundamentais para o sucesso de campanhas como a de Lenin e Hitler. Para Domenach, a revolução comunista e o fascismo não seriam sequer concebíveis sem um forte investimento em publicidade. “Foi em grande parte devido a ela que Lenin logrou instaurar o bolchevismo; Hitler deve-lhe essencialmente suas vitórias, desde a tomada do poder até a invasão de 1940”. O fato é que estar em evidência é de grande importância para a manutenção do poder e fundamental em uma eleição. A população, excluindo casos isolados, como compra de votos, escolhe candidatos conhecidos ou que possuem um indivíduo referência como apoio. Ser visível na era das comunicações de massa é tão ou mais importante do que ter uma base aliada forte e propostas convincentes, sendo que esta última está atrelada diretamente com o acesso aos meios de comunicação, por onde o público conhece as ideias de campanha de cada candidato. Wilson Gomes, em *Transformações da política na era da comunicação de massa* (2004), coloca a visibilidade como obrigatória a qualquer um que ambicione um cargo público. Estar na cena midiática deixa de ser uma opção para virar fator obrigatório para cada agente político. “Sem tal esfera de exposição pública de massa não haveria acesso relevante ao eleitorado, que possui o recurso fundamental para o campo político: o voto. A presença na esfera da visibilidade pública lhe é, portanto, fundamental. (GOMES, 2004)

De acordo com Vera Martins, em *Freud e a eleição para presidente* (1999), “o indivíduo se identifica com aquilo que gostaria de ter ou de ser”, observando no candidato características que considera relevantes para uma boa administração pública. Para Wilson Gomes, a publicidade tem poder ímpar, já que consegue fazer com que o público pense sobre determinadas coisas e produtos, e em alguns casos até mesmo forma opiniões, a depender do objetivo do profissional por trás da peça publicitária, fazendo da propaganda e, por consequência, dos meios de comunicação uma importante arma política.

A luta pela configuração, gestão e imposição da opinião política é fenômeno importante na política contemporânea [...] grande parte das energias dos agentes da política contemporânea se destina a fazer com que uma grandeza demograficamente relevante de pessoas pense e sinta determinadas coisas a respeito de determinados sujeitos [...] uma das várias arenas em que a disputa política se realiza hoje em dia é certamente a arena das lutas pela imposição da opinião publicamente dominante e pela conquista dos imaginários sociais. (GOMES, 2004, Pg. 357 e 358)

Os jornalistas são, nesse sentido, beneficiários diretos da visibilidade que possuem, principalmente aqueles que almejam lançar-se à política. Segundo Albino Canelas Rubim, em *Espetacularização e midiaticização da política* (2004), a visibilidade oferecida pelos meios de comunicação adquiriu tamanha dimensão que obrigou a política a migrar de um campo de ideias para outro formado essencialmente de pessoas, ou melhor personagens, tal como um apresentador de um programa de cunho popular, que cria para si uma imagem paternalista, séria, indignada com os problemas da sociedade e, acima de tudo, honesta. A adequação do “ser” para o “aparentar ser” é considerada fundamental para o sucesso político na era da comunicação de massa. Os eleitores se baseiam naquilo que lhes é oferecido, ainda que o ofertado seja apenas uma persona criada unicamente para a disputa do pleito. A atividade política transformou-se em uma espécie de teatro em que a energia dos agentes principais é destinada a iludir uma significativa parcela demográfica de indivíduos. A disputa por espaços físicos fica subjugada pela luta de imposição

de idéias com o objetivo de criar uma opinião pública dominante e, conseqüentemente, na conquista do imaginário social.

A política supõe sempre um conjunto de instituições, práticas e atores capazes de produzir sua apresentação e sua representação de forma visível na sociedade. A plasticidade desses inevitáveis regimes de visibilidade obriga a política a possuir uma dimensão estética que não pode ser desconsiderada, em particular em uma sociedade como a contemporânea, na qual a visibilidade adquiriu relevância por meio da nova dimensão pública de sociabilidade. A necessidade de considerar tal dimensão torna-se essencial nessa nova circunstância societária. (RUBIM, 2004, Pg. 190).

Ainda que fundamental, a visibilidade possui limitações, principalmente quando gerada por material publicitário. Uma propaganda não consegue atingir o público como uma verdade acima das outras. Não importa a forma como ela seja realizada, sempre será o anúncio de um “produto”. Para suprir essa carência, os políticos utilizam-se do jornalismo. Com a imprensa, o mesmo enunciado das propagandas se reveste de outra credibilidade, o que torna a divulgação de press releases institucionais uma grande arma, principalmente para quem detém a máquina governamental. O público não espera que o jornalista minta em suas matérias ou em suas aparições no rádio e na TV. Há um contrato de confiança, já que se pressupõe que o jornalista trabalhou para descobrir o que anuncia e não o faz com base em jogos de interesses. Justamente o oposto das propagandas, que tem o claro objetivo de tornar uma marca conhecida, chamando a atenção do público de forma apelativa com intuito exclusivamente consumista. Segundo Wilson Gomes, estar em cena midiática “não é algo que se ofereça optativamente aos agentes do campo político” (GOMES, 2004). O estar em cena, no entanto, possui valor diferencial quando o a transmissão é feita por um veículo jornalístico, que, teoricamente, exhibe o candidato sem a máscara do personagem, já que os jornais devem, prioritariamente, veicular o real.

A esfera da informação, por exemplo, é diferente do âmbito do entretenimento e, em muitos aspectos, é-lhe antagônico. A prática jornalística é diferente da prática publicitária e da prática da assessoria de imprensa, de comunicação ou de imagem [...] os agentes políticos querem exposição midiática favorável, ou seja, aparecer nos jornais, revistas, no rádio e na televisão do modo que lhes renda o máximo de benefícios junto ao público. Querem também exposição midiática desfavorável aos seus adversários. Querem, além disso, que os meios de comunicação lhes sejam instrumentos para formar uma opinião no público que se converta em voto [...] O mundo da política dedica energia, além disso, para fazer com que a pauta do interesse do agente político se transforme em pauta para o jornalismo. (GOMES, 2004, Pg. 145 e 146).

Entre os políticos que conseguiram se aproveitar das publicações e matérias políticas veiculadas pelo jornalismo brasileiro estão os presidentes eleitos após a ditadura militar. Fernando Collor de Mello, Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva se adaptaram, ou foram adaptados, aos meios de comunicação para adquirir visibilidade pública e conquistar o eleitorado. Todos criaram personas para agradar a maior parte da audiência e concorrer às eleições. Collor foi o primeiro. Conforme Emiliano José, em *Imprensa e Poder: Ligações perigosas* (1996), os veículos de comunicação do final da década de 80 possuíam uma verdadeira paixão pelo presidencialismo.

Collor olha a direção do vento. Contrapõe-se com vigor ao governo Sarney – um alvo fácil devido não só à corrupção denunciada pela imprensa, como também à vinculação com o passado ditatorial. Apresenta-se como o anti-político, como se ele próprio, há tanto tempo, não fosse um político profissional clássico. Cria um partido, mas despreza os partidos. Valoriza o que é novo, contrapõe-se ao velho. Ele é a juventude. Um novo salvador: valente, corajoso, jovem, intrépido, vigoroso. E traz no bolso do colete o receituário neoliberal, a proposta de uma completa reformulação do Estado. É este outsider que será carinhosamente recepcionado pela imprensa desde os seus primeiros passos em direção à presidência da República. (JOSÉ, 1996, Pg. 37).

Collor foi então beneficiado ao ser colocado em evidência pelos meios de comunicação. O até então desconhecido governador de Alagoas povoava

os noticiários como o caçador de marajás. Surgia, conforme os ideais de Freud, apresentadas por Vera Martins, como um fiel retrato de tudo que a população brasileira desejava ter. Alguém jovem, heróico, que pudesse transpor os desafios econômicos tangentes à época. Assim como em 1994, quando os anseios estavam em uma economia estável. Fernando Henrique Cardoso e o Plano Real ganharam destaque nacional e grande visibilidade social. Em evidência, o candidato a presidência podia não representar o oposto de Collor, mas apresentava ao grande público o sonho de controle da inflação e segurança econômica. Novamente o que queriam ou esperavam ter.

A mídia não lhe poupou espaços, foi pródiga em simpatia, paciência e complacência. O Plano Real dá a visibilidade que FHC necessitava [...], além disso, o apoio da mídia chega a extrapolar o campo jornalístico, invadindo as novelas e as transmissões de jogos de futebol. (COLLING, Leandro, Pg. 168).

O próprio Lula teve de se adaptar aos meios de comunicação para conseguir se eleger em 2002. Diferente do primeiro pleito que participou, em 1989, o candidato petista se exibiu em ternos bem cortados e de cores sóbrias, com a barba bem aparada e sem o discurso radical que o acompanhava na década de 80, como o operário, imigrante nordestino, ex-sindicalista de história sofrida tal como a de milhões de brasileiros. Além de ser “comercializável”, Lula também aparecia nos jornais com o discurso que os brasileiros queriam, com grande geração de empregos, política voltada para o lado social, com a promessa de que os mais pobres ascenderiam socialmente, fatores que atraíram a massa, ávidas por um presidente que alterasse o rumo da nação. Em 2002, o Brasil também entrava em uma nova era. Os meios de comunicação se dispunham a efetivamente fazer uma grande cobertura política das eleições. O pleito foi ainda mais divulgado pelo país. A história sofrida do ex-sindicalista petista se sobressaiu. Era a vez de Lula assumir o cargo mais alto do país.

Em 2002, mais do que nunca, o Brasil esteve mergulhado em uma campanha eleitoral midiática [...] se existe uma característica marcante nesta eleição, como já foi afirmado antes, ela pode ser denominada superexposição [...] além das aparições e diálogos nos programas de variedades, de entrevistas humorísticas, os telejornais reabilitaram a prática de noticiar a agenda dos candidatos, 'esquecida' em 1998, e inovaram em 2002, criando um tempo destinado e equanimente cronometradas entrevistas com os principais competidores, ainda antes do horário eleitoral. (RUBIM, 2002, Pg. 7).

A visibilidade não é benéfica apenas aos políticos de “carreira” e jornalistas que desejam concorrer a uma eleição. Fenômenos como Tiririca e Leo Kret provam que a aparição nos meios de comunicação é uma das maiores armas políticas na era da comunicação de massa. Para quem já estava em evidência, atingir o eleitorado torna-se uma tarefa mais simples. Para os que conhecem o discurso e integraram a transmissão do espetáculo eleitoral, então, colher os bons louros da visibilidade é ainda mais fácil. Os jornalistas, antes os de meio impresso e, hoje, principalmente, os que atuam na televisão, possuem uma plataforma gigantesca para se tornarem conhecidos pelo grande público. Invariavelmente se tornam pessoas públicas e adquirem status pela posição que ocupam. Alguns terminam por tornarem-se políticos, se aproveitando da carreira pregressa. Nem todos utilizam dos meios em que trabalhavam para fazer campanhas “veladas”. Mas sempre usufruem da visibilidade que conquistaram nos veículos.

Em entrevista concedida no primeiro semestre de 2010, Emiliano José reconhece que os homens da comunicação possuem favorecimento em campanhas eleitorais, o que, no entanto, é limitado ao modo como o comunicador age. “Hoje no Brasil essa discussão sobre a vida política ficou bastante constrangida. É como se fosse pecado você se por na cena pública. O jornalista se põe em cena pública, claro, como jornalista. Seu lugar de fala é o de jornalista. Tanto o da mídia impressa, como eu, quanto o da mídia televisiva ou radiofônica, cujo impacto é muito maior. Tanto um quanto outro, no exercício cotidiano da profissão, expõe-se publicamente e ganha visibilidade [...] o que não é nenhum pecado. Se ele vai a vida política, naturalmente ele terá algum

benefício em razão dessa visibilidade [...] seguramente isso pode acontecer, assim como, eventualmente, o sindicalista será beneficiado ou o presidente do clube de futebol, por aí afora”. (JOSÉ, 2010)

Emiliano José evidencia o lugar de fala como um dos principais problemas para os jornalistas que concorrem a um cargo. Enquanto nos meios de comunicação, o repórter ou apresentador que almeja uma eleição pode criticar adversários diretos, apresentar soluções práticas, ainda que rasas, mostrar-se ciente dos problemas que atingem a sociedade, ouvir a população, tudo dentro dos meios de comunicação e sem defrontar opositores. Como político, no entanto, ele termina por debater com outros candidatos, que invariavelmente entrarão em conflito direto e que também estão preparados para concorrer a uma eleição. É necessário mais do que ter um rosto conhecido para se candidatar. O público precisa ser convencido de que o candidato pode vir a se tornar um bom gestor público, atuará para melhorar a sociedade e que realmente possui chances de vencer a eleição. É preciso ser considerado pelos eleitores a melhor opção das que lhes foram apresentadas. Do contrário, não há como obter sucesso em um pleito eleitoral. Novamente, a questão de espelhar no futuro gestor o que se quer ter ou ser (MARTINS, 1999).

Além da visibilidade, credibilidade e status social conquistados com a carreira na imprensa fatalmente ocasionam em favorecimento político. Os homens de imprensa invariavelmente retratam os problemas da sociedade, o que termina por gerar a impressão de que eles conhecem as principais carências do povo. Em programas jornalísticos de cunho popular, há ainda campanhas de auxílio à população e promoções com as mais diversas premiações. Cria-se uma imagem paternalista do apresentador ou jornalista. Fator de grande importância e muito perigoso no mundo político. Uma espécie de pão e circo moderno que geralmente atinge as classes mais baixas da sociedade, com baixo nível de escolaridade e padrão de educação política ainda mais carente. A busca por um representante que condense as qualidades pretendidas para si próprio prevalece na sociedade atual (MARTINS, 1999). A criação de personas para os seres políticos precede a era da comunicação de massa. Nicolau Maquiavel, em o Príncipe, afirma que o



príncipe deve cuidar da própria imagem, administrando o modo como o público o vê. O afeto e a opinião do público é fundamental para a manutenção do poder, assim como a produção de imagem para satisfazer os mais variados interesses dos mais variados níveis da sociedade.

Maquiavel deixa a entender que a produção de uma imagem adequada precisa apoiara-se na compreensão correta dos desejos e dos temores, das preocupações e das características fundamentais, em suma, da natureza dos humanos envolvidos em cada uma das esferas. (GOMES, 2004, Pg. 375)

Os jornalistas com interesses eleitorais, e não só eles, com base em Maquiavel, têm como estratégia criar personagens que causem atração ao grande público, além de possuir a oportunidade de minar a campanha dos adversários, massificando denúncias e críticas. Os jornais, para tanto, são os principais meios para se fazer política. A existência desse “trampolim” é atestada pelo presidente da Associação Baiana de Imprensa (ABI), Samuel Celestino, que, em entrevista para o *Memória da imprensa contemporânea da Bahia* (2008), revela ser a redação um meio bastante promissor para o nascimento de candidatos favorecidos pela exposição fornecida pelos meios de comunicação de massa.

O jornalismo é uma porta para a política, especialmente o jornalismo político. O relacionamento se constrói na profissão, que funciona também como uma espécie de traço de união, como uma ligação entre o poder e a sociedade. Às vezes acaba por levar o jornalista a experimentar o mandato eletivo [...] Sem dúvida, o jornalismo como atividade diária influenciou diversos políticos brasileiros que se destacaram. [...] Luiz Viana Filho, Luís Prisco Viana e Antonio Carlos Magalhães. Dos três, Luiz Viana – deputado federal, ministro de Estado, governador da Bahia e senador da República – foi o único que também relacionou o jornalismo com a literatura. Foi um excelente biógrafo. Prisco Viana começou como radialista, foi repórter político do A Tarde, deputado federal com diversos mandatos e também ministro de Estado. ACM militou pouco na imprensa, mas soube usar a informação para alcançar os objetivos políticos. [...] Enfim, a influência é muito grande. Eu mesmo já recebi diversos convites para filiar-me a partidos políticos e

tentar a vida pública, candidatando-me. Recusei. (CELESTINO, 2003, Pg. 227).

### **3.1. DO IMPRESSO PARA AS RÁDIOS E A TV**

Os jornais impressos foram, por muito tempo, a “rampa inicial” para diversos políticos no decorrer das décadas. Quando não utilizados de forma direta, com campanhas disfarçadas de reportagens, muitos periódicos baianos viravam palcos para barganha eleitoral, com jornalistas tecendo contatos e ampliando as redes sociais para se inserir no meio político. Na história da Bahia, o jornalismo foi, e em alguns casos ainda é, uma forma de se lançar à política, uma plataforma eleitoral de longo alcance, com o qual se pode interferir no resultado de campanhas. O cenário, no entanto, mudou. Se antes o meio impresso era o único caminho possível para jornalistas seguirem a carreira política, atualmente o rádio e principalmente a TV tornaram-se os principais veículos para comunicadores em campanha. Assim como no passado, o impresso possui um público menor, mais informado e que, sem sua maioria, possui tendências políticas bem definidas. O formato, no entanto, já não permite grande visibilidade para um jornalista que ambiciona uma eleição, já que a única referência publicada é o nome do repórter ou editor. A palpável diminuição de textos partidários, ou pelo menos declaradamente partidários, também é um dos possíveis motivos para a redução nos casos de jornalistas do meio impresso que se tornam candidatos.

O rádio, por sua vez, consegue atingir uma parcela maior de público, mas também não aparenta se configurar como principal meio para a proliferação de jornalistas com ambições políticas nos dias atuais. Apesar de voltado para o entretenimento, o rádio transmite apenas a voz, o que atualmente também não é o suficiente para proporcionar o lançamento de uma candidatura. Já a TV possui um público de rápida aceitação, ávido pela voz do apresentador e pela imagem do produto. É, possivelmente, o veículo mais forte

para “o fazer político”, principalmente por transmitir imagens, fator fundamental para a atual configuração da disputa política, pautada em relações midiáticas e na formatação de personagens.

Conforme Tatiana Gianordoli Teixeira, em *A Política da Emoção* (1999), a TV consolidou-se como o maior meio de comunicação do Brasil, atingindo todas as camadas sociais e com grande poder testemunhal na informação. Ela é o veículo que tem o maior poder de induzir os espectadores a consumir e acreditar em algo, incluindo uma figura política. “O anúncio da TV convence você a ter três banheiros em casa [...] Você acorda envolvido por coisas que invadiram sua casa via TV, trabalha ou passa o dia inteiro cercado de objetos ‘sugeridos’, dorme com produtos impostos e sonha com relações novas, feitas por objetos manipulados pela TV” (TEIXEIRA, 1999). A televisão possui, desta forma, lugar de destaque como instrumento de comunicação política, caracterizando-se como primordial para o sucesso eleitoral. “Jornais e panfletos, veículos considerados mais baratos [...], não chegam a ser considerados por fração muito ampla da sociedade. Já a televisão, aliando som, imagem e cor, é um veículo de indiscutível capacidade de penetração, com características marcantes. Grande parte da literatura referente à área de comunicação demonstra que [...] nenhum outro veículo tem tamanho poder de persuasão” (TEIXEIRA, 1999).

Albino Canelas Rubim, em *Espectacularização e Midiatização da Política* (2004), também coloca a televisão como o veículo principal para a superexposição de candidatos políticos, e, neste caso, para jornalistas que desejam concorrer a uma eleição. A disputa eleitoral tem na mídia televisiva um palco privilegiado, um meio em que podem abusar da criatividade para produzir mídia favorável. Wilson Gomes, em *Transformações da Política da Era da Comunicação de massa* (2004), define a TV como um grande meio de comunicação de massas. “Noticiários (com pontuação diferente para o noticiário nacional e o telejornal regional ou local) e programas de auditórios, programas convencionais de entrevistas [...] constituem a esfera de visibilidade pública predominante, que concede vantagens enormes a quem consegue frequentá-la de modo positivo” (GOMES, 2004).

### 3.2. O PATERNALISMO NO JORNALISMO POPULAR

O jornalismo popular é atualmente na Bahia um dos meios de maior proliferação de especulações acerca do processo de transição do jornalismo para a política. Apresentadores de programas voltados ao público da classe social C e D sempre aparecem bem cotados para a disputa de pleitos eleitorais, apoiados na imagem que criaram de “defensores das causas sociais”. O comando de periódicos, voltados especialmente para assistência popular cria no imaginário público uma imagem paternalista que beneficia diretamente os apresentadores com planos eleitorais.

Segundo Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil* (1997), o paternalismo é produto das características presentes nas sociedades ibéricas (Espanha e Portugal), no nosso caso Portugal, colonizador do Brasil. A partir de então, a cordialidade da população faz com que se pense e se faça tudo por afetividade, o que gera grande dificuldade no entendimento das formalizações políticas da sociedade moderna, incluindo os direitos e deveres eleitorais. Para Buarque de Holanda, o público não consegue avaliar o voto como uma ferramenta de elevação social, mas sim como uma moeda de troca para agraciar aqueles que já o beneficiaram, um meio de pagar os que lhe foram “benevolentes, úteis ou simpáticos”. Constituem-se como paternalistas aqueles que baseiam suas ações na criação da imagem de um protetor, concedendo e obtendo do público carinho, amizade, afeto, fidelidade e respeito. Parte-se do pressuposto de que o homem, exceto em casos excepcionais, se recusa a fazer alianças com desconhecidos, priorizando as relações pré-estabelecidas. Importa mais o que o coração sente, e não o que diz a razão ou necessidade.

Uma das principais características do paternalismo enquanto ideologia política é a preocupação em justificar o domínio pela necessidade do dominado, visto como imaturo e em apuros, uma criança perdida em meio a uma multidão. Nesse caso, a candidatura de apresentadores de programas populares remete diretamente aos serviços oferecidos pelo periódico. A relação

de representatividade política perde amplo espaço para as relações de barganha entre o jornalista com ambições políticas e o eleitorado. Isso ocorre principalmente com a parcela mais pobre da sociedade, população responsável pela maior parte da audiência dos programas popularescos. Os eleitores enxergam no candidato, e também nos apresentadores de programas populares, alguém que conseguiu atender o que o poder público não supriu, uma “mão amiga” que os tirou da marginalidade. O comunicador passa a ser visto como uma espécie de “paladino dos interesses da sociedade”, já que denunciou, enquanto homem da imprensa, os principais problemas que assolavam a comunidade. Cria-se a referência de que os apresentadores estão preocupados com o povo, e que, portanto, merecem ser eleitos para representar os mais necessitados. Os programas de cunho popular se transformam em uma campanha de ações populistas, ao menos enquanto o apresentador não é obrigado a se afastar do periódico pela legislação eleitoral.

Além da bondade, o paternalismo também gera a visão de força para o candidato, o que cria a imagem de segurança para o público. Alcinhas como “pai dos pobres” ou “homem do povo” geram o imaginário de alguém preocupado com as principais necessidades da população, assim como um pai com os seus filhos.

## **4. ESTUDOS DE CASO**

Para estudos de caso, três ocorrências de comunicadores com aspirações políticas foram escolhidas. O radialista Raimundo Varela, apresentador do Balanço Geral, não chegou a se candidatar oficialmente (foi apenas pré-candidato para a prefeitura de Salvador, chegando a liderar as pesquisas de intenção de voto), mas é uma ocorrência importante, no sentido que utilizou do programa que comandava como palanque eleitoral, ampliando o que já fazia para atingir ainda mais o público soteropolitano. Sheila Varela, esposa de Raimundo Varela, apareceu em programas de Rádio e TV como repórter, cobrindo principalmente assuntos que podiam render pautas assistencialistas. Ela surgiu nos meios de comunicação meses antes de entrar em campanha para o cargo de deputado estadual. Por fim, Uziel Bueno, apresentador do Na Mira e também candidato a deputado estadual nas eleições de 2010.

### **4.1. RAIMUNDO VARELA**

O radialista Raimundo Varela Freire Junior efetivamente nunca foi candidato a qualquer cargo público. No entanto, a cada eleição, seu nome surge como eventual concorrente. Um eterno aspirante ao mundo político, que, apesar de ser extremamente popular, nunca disputou uma corrida eleitoral. Ao lado de Fernando José, eleito prefeito de Salvador no final da década de 80, Varela foi âncora de programas radiofônicos e televisivos de grande sucesso

em toda a Bahia, como o Telesporte e O Povo na TV. Contudo, foi no comando do Balanço Geral, conhecido como a “ouvidoria do povo”, que o radialista conseguiu atingir o grande público e chegar ao auge da carreira, sendo convidado por várias vezes para entrar para a política. O próprio Varela reconhece os convites políticos no livro *Memória da imprensa contemporânea da Bahia* (2008).

Em uma recente pesquisa, fizeram uma análise com os candidatos que teriam maior popularidade entre o povo, e eu saí disparado na frente de todos os companheiros, mas nem partido eu tenho, então não posso me candidatar. E, se tivesse que escolher entre bancar uma candidatura e continuar fazendo o programa, deixaria que o povo decidisse, perguntaria ao povo o que eles acham. E, posso garantir, se eu fosse prefeito muita coisa nessa cidade iria mudar. A primeira coisa que eu faria era acabar com o “rapa”. Depois promoveria um programa de cada semana estar em um bairro da cidade, resolvendo todos os problemas daquele bairro e assim iria resolver os problemas mais graves da população. O povo precisa de moradia digna, saneamento básico, transporte público e emprego. (VARELA, 2004, Pg. 212).

Na época em que concedeu a entrevista para o livro organizado por Sérgio Mattos, Varela realmente não possuía filiação partidária, o que o impedia de concorrer às eleições. No entanto, o empecilho durou pouco. Primeiro se filiou ao Partido Trabalhista Cristão (PTC) e foi cogitado para o pleito municipal de 2004. Apesar das expectativas, não concorreu à eleição, vencida por João Henrique Barradas Carneiro, na época filiado ao PDT. Varela justificou a não participação na corrida política dizendo que havia sido convidado para compor a chapa de César Borges como vice, o que não aceitou, preferindo continuar fazendo o Balanço Geral.

Anos depois, o radialista se associou ao Partido Republicano Brasileiro (PRB), e no final de 2007 foi considerado novamente um dos grandes favoritos ao pleito municipal que seria realizado no ano seguinte. Na ocasião, já possuía partido e nada mais o impedia de entrar para o mundo da política. Varela se tornou pré-candidato à gestão municipal e conquistou a aceitação popular de

parte da capital baiana, principalmente da parcela mais pobre da sociedade soteropolitana. “Vou te dizer uma coisa: eu tenho capital político pra isso (concorrer à prefeitura). Na última eleição, a que JH (João Henrique) foi eleito prefeito, eu liderava as pesquisas, mas queriam que eu fosse vice de César Borges. Se eu tinha 10 pontos percentuais a mais, ele (Borges) é que deveria ser meu vice. Não negocieei minha candidatura com ninguém. Desisti porque eu quis. Agora, ainda é cedo. Eu tenho um ano pela frente para decidir isso [...] dessa vez chegou a hora do povo. Como te disse, ninguém vota mais em legendas. O povo quer enxergar a verdade nos olhos do candidato [...] Hoje eu sou a “noiva” mais cobiçada da Bahia”, disse Varela em entrevista ao portal Bahia Notícias cerca de um ano antes das eleições de 2008.

Na época, a pré-candidatura de Varela pautou os cadernos políticos dos jornais e portais de notícias da Bahia. Onze anos depois de Fernando José, outro comunicador surgia como aspirante à administração pública de Salvador.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Data Quali, encomendada pelo DEM, mostra um equilíbrio de forças entre os prováveis e os pré-candidatos à Prefeitura de Salvador. O ex-prefeito Antônio Imbassahy (PSDB) encabeça a lista ostentando 19% das intenções de voto. Imbassahy é seguido de perto pelo apresentador Raimundo Varela (PRB), com 18%. Em terceiro lugar surge o deputado federal ACM Neto (DEM), com 15%. Depois, com 13%, aparece o prefeito João Henrique (PMDB). Por fim, a deputada federal Lídice da Mata (PSB), 11% e Nelson Pelegrino (PT), 8%. O levantamento, que foi publicado no jornal “Tribuna da Bahia” de hoje, não revela qual o formato e também não explicita qual foi a margem da pesquisa (Bahia Notícias, 24 de Setembro de 2007, 9h04).

O site Folha Online, associado ao jornal Folha de São Paulo, também registrou com destaque a pré-candidatura do radialista à prefeitura da capital baiana.

No atual cenário, ao menos sete políticos são pré-candidatos à prefeitura da capital baiana: além de Lídice da Mata e do prefeito João Henrique, há os nomes do deputado federal ACM



Neto (DEM), do ex-prefeito (1997-2004) Antônio Imbassahy (PSDB), do deputado federal Nelson Pellegrino (PT), da vereadora Olívia Santana (PC do B) e do radialista Raimundo Varela (PRB). (Folha Online, 14 de fevereiro de 2008).

Um dos fatores que mais influenciaram na grande aceitação de Varela entre o eleitorado soteropolitano foi a presença do apresentador no Balanço Geral, programa exibido de segunda a sexta-feira, sempre das 12h às 13h, pela Tv Itapoan, filial da Rede Record na Bahia. Enquanto âncora, Varela possuía uma grande plataforma de campanha indireta. Mesmo não sendo efetivamente candidato a qualquer cargo público, as críticas aos problemas da capital baiana, principalmente, e ações sociais desenvolvidas com a sociedade soavam no eleitorado como uma esperança de novos ares para a política, aumentando a popularidade do comunicador diante do eleitorado.

A distribuição de cartões vermelhos<sup>6</sup> contra o prefeito João Henrique, que já não gozava de boa aceitação popular, reforçava o sentimento dos eleitores por algo novo. Os índices de rejeição do gestor, que já eram altos, aumentaram ainda mais. Mesmo que involuntariamente, Varela fazia uma campanha disfarçada antes mesmo do início do período eleitoral. O jornalismo utilizado para favorecer anseios políticos de um candidato que ainda não havia sido sequer anunciado oficialmente.

O apoio para o pré-candidato vinha principalmente da periferia da cidade, das camadas C, D e E, maior parte da audiência do Balanço Geral. Com a divulgação das pesquisas de intenção de voto, o programa apresentado por Varela se constituía como um verdadeiro cabo eleitoral. Entre o final de 2007 e os primeiros meses de 2008, o Balanço Geral foi uma máquina de denúncias e críticas contra a prefeitura. As pautas com os principais problemas de Salvador, que já eram apresentados no programa antes mesmo da pesquisa, foram massificadas e tornaram-se *habitué* na programação do Balanço Geral.

---

<sup>6</sup> Varela costuma distribuir cartões vermelhos para as situações ou pessoas que reprova. A prática é sempre acompanhada de críticas, ironias e vinhetas.

No final de 2007, Varela já havia ultrapassado Antonio Imbassahy nas pesquisas de intenção de voto. O radialista surgia como o possível sucessor do prefeito João Henrique. Com visibilidade, imagem definida no imaginário popular, credibilidade e poderoso campo para apresentar ideias e tecer críticas, Varela despontava como o favorito para o pleito municipal de 2008.

A primeira pesquisa do Instituto Datafolha sobre a sucessão municipal de Salvador aponta Raimundo Varela (PRB) como líder na corrida pelo Palácio Tomé de Souza em 2008. Foram analisados quatro cenários distintos e o radialista aparece em primeiro em todas as situações. Apesar da liderança de Varela, a margem de erro de cinco pontos percentuais para mais ou para menos, traz um quadro de empate técnico entre o radialista, o prefeito João Henrique Carneiro (PMDB), o ex-prefeito Antônio Imbassahy (PSDB) e o deputado ACM Neto (DEM). Em todos os cenários, João Henrique aparece na segunda colocação. Em terceiro, revezam-se o ex-prefeito Antonio Imbassahy e o deputado ACM Neto. A pesquisa foi realizada entre os dias 26 e 29 de novembro e ouviu 416 eleitores em Salvador. (A Tarde, 09 de dezembro de 2007).

Além do Balanço Geral, Varela contava com a execução do Balanço Geral nos bairros. Sempre aos finais de semana, o radialista gravava o programa em bairros da periferia de Salvador. Como se estivesse em campanha, Varela comparecia ao palco montado para o espetáculo televisivo, divulgava os serviços prestados à população local, apresentava bandas e ouvia os problemas dos moradores da região. A prática, executada há anos pelo apresentador, agora se assemelhava a um showmício, prática proibida pela Justiça Eleitoral. No entanto, Varela não fazia nada que nunca tivesse feito antes. Críticas à prefeitura, sugestões sobre os principais problemas da cidade, assistencialismo e o próprio Balanço Geral nos Bairros já eram executados há muitos anos. A diferença era que, naquele momento, beneficiavam o pré-candidato Varela.

Raimundo Varela assumiu de vez que “está” candidato à Prefeitura de Salvador. Nas declarações que fez sobre o assunto, ficou claro que sua plataforma política tem como base

os formadores de opinião da periferia de Salvador e a população mais carente. Segundo ele, seu objetivo é dar a essa camada da população condições de sobrevivência com saúde, serviço e entretenimento. E, para implantar estas idéias, Varela já está fazendo programas fora do estúdio, como o Balanço Geral nos Bairros [...] e quando perguntado pelos colunistas políticos sobre a gestão do falecido Fernando José, também apresentador e radialista que infelizmente fez uma administração desastrosa quando eleito prefeito, Varela responde em alto e bom som que “Fernando tinha chefe e ele não tem!” (Bahia em Foco, 13 de novembro de 2007).

O Balanço Geral sempre foi um espaço para que toda a população soteropolitana externasse o que lhe ocorria. Já o Balanço Geral nos Bairros se destinava a atender, a cada mês, a população de uma única região carente da capital baiana. O programa reunia todos os ingredientes para impulsionar a migração do comunicador Varela para o mundo da política. Um palco que garantia votos e audiência, ambos necessários a carreira presente e ao futuro almejado pelo apresentador.

A visibilidade, fundamental para o mundo da política, não era, desta forma, um problema para Varela. O apresentador estava diariamente nos meios de comunicação, massificando sua imagem, ideias e críticas. Com as eleições se aproximando, o radialista se afastou do Balanço Geral e tratou de dar corpo à sua candidatura. Inicialmente, formou aliança com o ex-prefeito Antonio Imbassahy, também líder das pesquisas de intenção de voto, conforme divulgaram os periódicos da época.

Os pré-candidatos Antônio Imbassahy (PSDB) e Raimundo Varela (PRB) caminharão juntos na disputa rumo ao Thomé de Souza. Detalhes da composição da segunda chapa à prefeitura de Salvador, que está prestes a ser anunciada, foram discutidos terça-feira em encontro realizado na sede da TV Record de São Paulo, com a presença de Varela e Imbassahy, do presidente da Assembléia Legislativa da Bahia, Marcelo Nilo (PSDB), além do presidente da emissora, Alexandre Raposo, e outras lideranças partidárias e da Igreja Universal do Reino de Deus. O deputado Marcelo Nilo informou, assim que chegou à emissora para a reunião, disse que a idéia é que o radialista Raimundo Varela integre a chapa tucana como vice. [...] Apesar de conversas no meio político confirmarem que Varela

será mesmo o vice de Imbassahy, articuladores da coordenação de campanha do radialista afirmaram que Varela está determinado a ser candidato a prefeito. (A Tarde, 29 de maio de 2008).

Quando a candidatura já parecia caminho único, Varela se afastou também das rádios em que trabalhava. Era um sinal de que, finalmente, concorreria a uma eleição. Após quatro anos da sua desistência ao pleito municipal, teria a chance de colocar a prova a popularidade conquistada com o Balanço Geral, repetindo os passos de Fernando José. Decisões da cúpula nacional do PRB, no entanto, inviabilizaram a candidatura de Varela. Acompanhado do bispo Márcio Marinho (PRB), o radialista terminou por apoiar o ACM Neto (DEM) no primeiro turno. Desapareceu do processo eleitoral e também se manteve afastado dos veículos de comunicação. Mais uma vez viu naufragar a ambição de se eleger prefeito de Salvador. No portal Liderança da oposição, em 4 de junho de 2008, Varela justificou a renúncia ao pleito municipal. Segundo o apresentador, faltava musculatura política à sua campanha. “Hoje em dia, não se chega ao Executivo no Brasil sem o apoio de um grupo político”. Na época, Varela alegou que não teria tempo de televisão apenas no PRB, e que não era nenhum Enéas Carneiro<sup>7</sup> para concorrer com apenas alguns segundos no horário eleitoral gratuito.

Com a desistência, Varela voltou a se tornar destaque nos veículos de comunicação de toda a Bahia. Assim como quando anunciou sua pré-candidatura, o radialista virou pauta nacional para os cadernos de política. O assunto foi divulgado até mesmo no G1, portal de notícias de maior audiência do país.

O radialista Raimundo Varela (PRB) anunciou nesta terça-feira (3) que retirou sua pré-candidatura para apoiar a chapa do deputado federal Antonio Carlos Magalhães Neto (DEM), líder da oposição na Câmara, à Prefeitura de Salvador. Pesquisa do Instituto Datafolha realizada em dezembro apontava na liderança pela disputa em cenários com o prefeito João

---

<sup>7</sup> Falecido deputado federal que, com apenas alguns segundos de tempo no horário eleitoral gratuito, disputou a presidência da República com o famoso bordão “Meu nome é Enéas”.

Henrique Carneiro (PMDB), ACM Neto e o ex-prefeito Antonio Imbassahy (PSDB). "Nasci para ser líder, não vice", argumentou, justificando o fato de não ter aceitado ser vice nem de Neto, nem de Antônio Imbassahy, (G1, 3 de junho de 2008).

Longe do Balanço Geral e pouco atuante na campanha, Varela não conseguiu transferir sua popularidade para ACM Neto, que foi derrotado ainda no primeiro turno. Os dois, então, assumiram caminhos divergentes. O radialista se aliou à chapa encabeçada pelo petista Walter Pinheiro, enquanto o democrata se aliou ao prefeito João Henrique (PMDB). O candidato apoiado por Varela perdeu as eleições. João Henrique, que com o afastamento de Varela da televisão passou a sofrer menos com as críticas, contou com o auxílio do ministro da Integração Nacional, Geddel Vieira Lima, e do presidente estadual do PMDB, Lúcio Vieira Lima, para conquistar a reeleição. O trio pautou toda a campanha para a prefeitura no convencimento de que a continuidade do governo era importante para evolução das obras e projetos iniciados na cidade. Em 2009, Varela encaminhou ao PRB, partido do qual era presidente de honra, a sua carta de desfiliação. Os periódicos da época afirmavam que o apresentador havia cogitado candidatar-se a deputado nas eleições de 2010. Mas desistiu para continuar nos meios de comunicação. O fim, pelo menos momentâneo, do radialista que, apesar das aspirações políticas, tornou-se um eterno pré-candidato.

## **5.2. SHEILA VARELA**

Apesar da desistência, Varela não se afastou do mundo da política. Mesmo após entregar sua desfiliação, o apresentador continuou atuando de forma a engrenar a campanha da esposa, Sheila Karina Machado de Almeida Varela (PRB), candidata ao cargo de deputado estadual na eleição de 2010. Inicialmente, a mulher do apresentador ingressou como repórter no Balanço

Geral, trabalhando, principalmente, em pautas assistencialistas, como entrega de cestas básicas ou denúncias de problemas que incomodavam as comunidades dos bairros mais pobres da capital baiana.

Comunidades carentes de Salvador foram presenteadas com peixes durante toda a semana pelo programa Balanço Geral, da TV Itapoan/Rede Record. A iniciativa foi do apresentador do programa Raimundo Varela, que contou com sua esposa, Sheila Varela, para visitar os bairros. Ao todo, três toneladas de peixe foram distribuídas nos bairros Palestina, Campinas de Pirajá, Barriquinha de São Caetano, Valéria, Águas Claras e Calafate. Durante a campanha, entidades assistenciais como o Naspec e o Lar Maria Luíza também receberam a doação, que já faz parte da história do programa Balanço Geral. (Bahia Notícias, 02 de Abril de 2010)

Dessa vez, Varela não precisava tecer críticas a qualquer outro candidato, mas sim, tornar a esposa conhecida do grande público, que precisava aceitá-la para lhe confiar o voto, conforme a teoria paternalista. Ao contrário de eleições majoritárias, Varela não precisava criar uma imagem ruim dos adversários, apesar de fazê-lo constantemente com críticas aos atuais componentes da Assembleia Legislativa da Bahia. Sheila Varela precisava de espaço na mídia para se fixar no imaginário dos baianos, deixando de ser uma ilustre desconhecida. Para tanto, tornou-se repórter na TV Itapoan e na Rádio Tudo FM, da qual Varela é um dos proprietários.

Com a visibilidade conquistada nos veículos de comunicação, Sheila Varela adotou estratégia semelhante à do marido, enquanto pré-candidato às eleições municipais de 2008. Desta vez, no entanto, a prática não passou ilesa pela Justiça Eleitoral. Sheila Varela foi acionada pela Procuradoria Regional Eleitoral na Bahia (PRE/BA) por propaganda eleitoral antecipada e fracassou nas eleições. Mesmo sem conseguir a mesma empatia do marido, Sheila Varela conquistou 21.721 votos, a maioria deles de Salvador, ficando no 103º lugar entre os 611 candidatos a deputado estadual, bons números para quem até um ano antes das eleições era uma mera desconhecida do grande público.

### 5.3. UZIEL BUENO

Uziel Bueno Barbosa de Santana Junior (PTN) é o caso mais recente de um jornalista que tentou ter sucesso na vida política. Formado em comunicação pela Faculdade de Comunicação (Facom) da Universidade Federal da Bahia (Ufba), ganhou grande destaque regional com a apresentação do programa *Na Mira*, exibido de segunda a sexta-feira pela TV Aratu. De início, o periódico ia ao ar às sete horas da manhã, horário pouco acessível para a maioria da população. A audiência, apesar do horário, tornou-se significativa com o decorrer do tempo e o programa passou a ser exibido na faixa do meio dia, horário considerado nobre. Em pouco tempo de existência, o *Na Mira* já concorria de igual para igual com o *Se Liga Bocão* e o *Balanço Geral*, da TV Itapoan, programas populares de maior renome na Bahia.

O *Na Mira* era focado principalmente em divulgar casos de violência ocorridos em Salvador e Região Metropolitana (RMS). O tom utilizado por Uziel era o de indignação, uma espécie de transmissão do que o grande público também sentia, aproximando o apresentador dos telespectadores. Assim como no caso dos demais programas populares, o periódico comandado por Uziel tinha a audiência formada principalmente pelas classes C, D e E, estas duas últimas em maior número. O *Na Mira* invariavelmente também elogiava as ações das polícias civil e militar do estado, repercutindo as principais reivindicações da categoria, como o pagamento da URV (Unidade Real de Valor), melhoria de equipamentos e contratação de mais policiais.

Apesar do grande e por vezes polêmico sucesso<sup>8</sup>, a trajetória de Uziel no *Na Mira* foi encerrada no primeiro semestre de 2010. No dia 26 de maio, o apresentador anunciou seu afastamento do periódico e a demissão da TV Aratu. Segundo Uziel, em entrevista concedida no mês de outubro, este foi um dos fatores fundamentais para sua candidatura ao cargo de deputado estadual.

---

<sup>8</sup> O *Na Mira* foi alvo de ações do Ministério Público estadual por mostrar cenas de violência em um horário em que o público infantil tinha acesso à TV. A solução encontrada por meio de um Termo de Ajuste de Conduta (TAC) foi a inclusão de mosaicos nos corpos retratados pelas matérias do periódico.

“Tive um problema muito sério com a TV Aratu, em relação à chantagem, direitos trabalhistas, além das pressões da prefeitura e do governo do estado. Como saí daquela forma, muitas lideranças se juntaram comigo e me disseram que eu devia me candidatar. Que se eu devia mudar alguma coisa, tinha que ser na política. Uma das formas de mudar a realidade é na política”.

Em junho, o PTN oficializou a candidatura de Uziel Bueno. A expectativa era de que a popularidade do apresentador fosse determinante para sua eleição. Para tanto, foi criada uma campanha ligada de forma direta ao período em que Uziel estava no comando do Na Mira. Vinhetas, bordões e até mesmo o modo de vestir do apresentador eram os mesmos do período do programa. Mas, apenas a visibilidade não elege o jornalista. “Eu descobri que campanha política é totalmente diferente do que eu imaginava. Você tem que fazer alianças políticas, comunitárias e envolve muita coisa, como troca de favores, dinheiro, que eu não tinha. Por isso acho que não me elegi, faltaram apenas 700 votos. Mesmo com toda a minha popularidade”.

Uziel também reconhece que já tinha intenção de concorrer ao pleito enquanto ainda era apresentador do Na Mira. “Só no finalzinho. Por isso que minha campanha foi muito estreita. Os candidatos a prefeito de 2012 já estão fazendo campanha agora, amarrando suas alianças. Eu não tinha essa noção. Até por isso acho que não consegui me eleger. Fiquei ali na beiradinha”. Uziel conseguiu exatos 27.791 votos, sendo o 80º candidato mais votado na Bahia. A maioria dos votos para o apresentador vieram de Salvador (22.905) e municípios próximos, como Camaçari (222), Alagoinhas (240), Feira de Santana (1.403), Lauro de Freitas (382) e Simões Filho (222). Conseguiu, em sua primeira eleição, tornar-se suplente à Assembleia Legislativa. “Não me arrependo de ter me candidatado. Foi um amadurecimento pessoal, político e como comunicador. Acho que todo o jornalista deveria ter esse contato que o político tem com o povo. Porque o político vai a rua pedir o voto e o jornalista fica no estúdio, na redação, não tem contato direto com a comunidade. Como fui ao gueto, no povão, onde a necessidade urge. Hoje eu sei exatamente quando alguém me liga para falar dos seus problemas. Eu estive ali”.



## 6. CONCLUSÕES

A popularidade conferida ao jornalista, antes os de meio impresso, hoje principalmente do ramo televisivo, destacando-se aqueles de programas populares, é um benefício direto para aqueles comunicadores que desejam candidatar-se a um cargo público. A superexposição fornecida pelos meios de comunicação é determinante para as campanhas eleitorais contemporâneas. Quando os jornalistas decidem se candidatar, somam-se popularidade, credibilidade e status social, fatores fundamentais em um pleito.

Ao associar o jornalista com um representante político de peso, como Fernando José e Mário Kertézs, o comunicador que almeja a candidatura torna-se um dos favoritos ao triunfo no pleito. Junta-se a popularidade do jornalista perante o público com a representatividade social do político, o que termina por criar uma persona de grande poder no imaginário popular.

É necessário deixar claro que o jornalista não pode e não deve ser impedido de concorrer a uma eleição. Assim como qualquer outro cidadão, os homens de imprensa têm todo o direito de se candidatarem a qualquer pleito. A utilização dos veículos de comunicação para fazer campanha, entretanto, é contra os princípios do jornalismo. Os comunicadores não devem moldar a notícia de forma tendenciosa, como quando um jornalista com aspirações políticas cria factóides para prejudicar um adversário. Segundo a ética da profissão, a divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação e deve ser cumprida independentemente da linha política ou da natureza econômica de seus proprietários e diretores. O código deontológico do jornalismo também exige que a produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter, por finalidade, o interesse

público, o que não ocorre nos casos em que jornalistas fazem campanha por meio de execução e apresentação de reportagens em benefício próprio.

Para candidatar-se, portanto, o jornalista deveria se afastar do meio em que trabalha e, acima de tudo, não utilizar os veículos de comunicação como “rampa eleitoral”. Este não é o propósito do jornalismo, que deve sempre estar a serviço da sociedade, e não de um único indivíduo.

A visibilidade fornecida pelos meios de comunicação já é um fator preponderante para as campanhas eleitorais contemporâneas. Um jornalista famoso que se candidata é conhecido do grande público. Quando forma alianças políticas fortes e possui recursos para uma campanha, possui grandes chances de se eleger. O comunicador com aspirações políticas, no entanto, deve ter em mente que, para ser eleito, não pode confrontar determinadas convenções sociais, incluindo, e talvez principalmente, aquelas ligadas à religião e a economia. Estar em evidência é muito importante para uma disputa eleitoral, mas um pleito envolve uma série de outros fatores, sejam eles políticos, econômicos ou de qualquer outra esfera que consiga mover o “50% mais um”. Como exemplo, há o caso de Ruy Barbosa, que defendia a liberdade religiosa, tanto no *Diário da Bahia* quando em livros, como na introdução de *O Papa e o Concílio*, livro por ele diretamente traduzido do alemão e com enormes dificuldades editado em 1877. Na época, no entanto, o Brasil vivia subordinado constitucionalmente a um regime de religião oficial (católica). Defender o livre direito a escolher um credo certamente não era bem visto pelas autoridades da época, o que prejudicaria qualquer candidato em qualquer eleição, não que este tenha sido o fator principal para a série de derrotas do jornalista baiano na tentativa de eleger presidente da república. Mas um político, como ensina Maquiavel, deve saber agradar seus súditos e, se necessário, conservar sua cultura e sua religião.

O ramo do jornalismo opinativo é o mais frutífero para comunicadores que desejam se tornar candidatos. Apresentadores de programas populares, que possuem o hábito de ironizar, questionar e proferir comentários ácidos acerca das mais variadas situações podem se beneficiar voluntariamente no caso de almejarem uma eleição. Quando Raimundo Varela estapeia a mesa

após uma denúncia ou atribui um cartão vermelho a qualquer outra notícia referente a um problema que afete diretamente a sociedade, ele representa a indignação dos próprios telespectadores, que terminam encontrando nele qualidades que consideram admiráveis, assim como em um pai. Estar em contato direto com os problemas que assolam o povo e resolvê-los, mesmo que de forma paliativa, torna os responsáveis por programas populares candidatos com grandes chances de conseguir sucesso em uma eleição.

As classes mais pobres da população costumam votar naqueles que lhes aparecem como herói ou que lhes oferece algo em troca. O jornalista popular consegue reunir esses dois atributos, tornando-se um político em potencial. Eles são vistos como uma chance de mudança, uma espécie de oportunidade para que os principais anseios dos esquecidos sejam resolvidos.

Acredita-se, portanto, que o jornalista pode ser beneficiado em disputas eleitorais, já que toda a sociedade está envolta em meios de comunicação de massa. Os fatores que envolvem os meios tornam o homem da imprensa conhecido do grande público, o que acarreta em um favorecimento diante de outros candidatos que contam apenas com o horário eleitoral gratuito para fazer campanha. É necessário vigiar para que o jornalismo não se torne uma mera rampa para cargos públicos. Mas também não se deve proibir o jornalista de se tornar um político. A profissão deve ser encarada com seriedade, e não como um método de se fazer barganha política, como em casos ocorridos nos mais diferentes meios, épocas e locais do estado da Bahia.

“Há jornais que se desviem? Há jornalistas que se desregrem? O remédio não está em suprimir a Imprensa, que a tanto equivale comprimir-lhe a liberdade. Haverá juízes que maculem a toga, e nem por isso extinguireis os tribunais. Haverá médicos que errem, e nem por isso dispensareis a medicina. Haverá sacerdotes, que faltem à sua fé, e nem por isso abolireis a religião. Então porque o Sol pode produzir a seca, vos esqueceis de que é ele a fonte de toda a vida? Tirai à sociedade moderna a Imprensa, e ter-lhe-eis tirado o juiz, tirado o médico, tirado a fé, tirado o sol. E daí por avante será tudo água estagnada, tudo marasmo, tudo morte das outras liberdades, porque é pela Liberdade da Imprensa que as demais se bitolam e se afirmam, se vangloriam ou se queixam”. (CARVALHO, Aloysio, 2008, Pg. 59).

## 7. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, Jorge – **Reflexões sobre o marketing de Lula em 98**. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (Org.). Mídia e eleições de 1998. Salvador: EDUFBA, 2000.

\_\_\_\_A Tarde - **Datafolha: Raimundo Varela lidera sucessão em Salvador**. <<http://www.atarde.com.br/politica/noticia.jsf?id=813940>>. Acesso em 25 de março de 2010.

\_\_\_\_A Tarde - **Será Imbassahy com Varela ou vice-versa**. <<http://www.atarde.com.br/politica/noticia.jsf?id=886154>>. Acesso em 18 de abril de 2010.

AZAMBUJA, Darcy Pereira de - **Introdução à ciência política**. Rio de Janeiro: Globo, 1999, 12ª edição.

AZEVEDO, Fernando Antônio – **Imprensa, campanha presidencial e agenda da mídia**. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.) Mídia e eleições 98. Salvador: Edições Facom.

\_\_\_\_Bahia em foco – **Raimundo Varela em campanha política declarada** <<http://www.bahiaemfoco.com/noticia/810/raimundo-varela-em-campanha-politica-declarada>>. Acesso em 16 de abril de 2010.

\_\_\_\_Bahia Notícias – **Balanco Geral distribui peixes na semana santa**. <<http://www.samuelcelestino.com.br/noticias/noticia/2010/04/02/60685,balanco-geral-distribui-peixes-na-semana-santa.html>>. Acesso em 3 de março de 2010.

\_\_\_\_Bahia Notícias - **Entrevista com Raimundo Varela** <[http://www.bahianoticias.com.br/imprime\\_entrevista/11.html](http://www.bahianoticias.com.br/imprime_entrevista/11.html)>. Acesso em 30 de março de 2010.

\_\_\_\_Bahia Notícias – **Pesquisa aponta disputa acirrada em Salvador** - <<http://www.samuelcelestino.com.br/noticias/noticia/2007/09/24/6820,pesquisa-aponta-disputa-acirrada-em-salvador.html>>. Acesso em 16 de abril de 2010.

\_\_\_\_Bocalivre – **Raimundo Varela será candidato a Deputado em 2010**. <<http://bocalivre2009.blogspot.com/2009/06/raimundo-varela-sera-candidato-deputado.html>>. Acesso em 18 de março de 2010.

CARVALHO, Aloysio – **A imprensa da Bahia em 100 anos**. In: TAVARES, Luís Guilherme Pontes (Org.). Apontamentos para a história da imprensa na Bahia. Bahia Academia de Letras da Bahia, 2008.

CELESTINO, Samuel – **O Jornalismo é uma porta para a política**. In: MATTOS, Sérgio (Org.) – Memória da imprensa contemporânea da Bahia. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2008.

CHAPARRO, Carlos – **Fronteiras perigosas entre jornalismo e política**. <<http://www.sinprorp.org.br/clipping/2005/198.htm>>. Acesso em 14 de março de 2010.

COLLING, Leandro – **Resenha: Decifrando as relações entre mídia e política**. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (Org.), Txt Especial: Mídia e Política Textos de Cultura e Comunicação. Salvador: Facom, 1999

DIMENSTEIN, Gilberto; KOTSCHO, Ricardo – **A aventura da reportagem**. São Paulo: Summus, 1990.

DOLINSKY, Luciana Cresta de Barros – **Modelo de monografia**. Rio de Janeiro: 2009. <<http://www.unirio.br/farmacologia/MODELO%20MONOGRAFIA/Modelo%20Monografia.pdf>> Acesso em 3 de março de 2010.

DOMENACH, Jean-Marie – **La propagande politique**. Buenos Aires, Eudeba, 1962.

FILHO, Aloísio de Carvalho – **Jornalismo na Bahia, 1875 – 1960**. In: TAVARES, Luís Guilherme Pontes (Org.). Apontamentos para a história da imprensa na Bahia. Bahia Academia de Letras da Bahia, 2008.

FILHO, Luiz Viana – **Alguns aspectos do jornalismo baiano**. In: TAVARES, Luís Guilherme Pontes (Org.). Apontamentos para a história da imprensa na Bahia. Bahia Academia de Letras da Bahia, 2008.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo – **A construção da notícia política nos jornais de Sergipe: Uma análise dos constrangimentos e influências na produção jornalística**. Salvador: 1998.

\_\_\_\_FENAJ - **Em defesa da democracia: Liberdade de Imprensa e jornalistas respeitados**. Brasília: 3 de maio de 2005. <<http://alainet.org/active/8142&lang=es>>.

\_\_\_\_Folha Online - **PSB sai da base do prefeito de Salvador de olho na eleição**. <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u372173.shtml>>. Acesso em 6 de abril de 2010.

\_\_\_\_G1 - **Líder em pesquisa desiste e anuncia apoio a ACM Neto em Salvador**. <<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL588042-5601,00-LIDER+EM+PESQUISA+DESISTE+E+ANUNCIA+APOIO+A+ACM+NETO+EM+SALVADOR.html>>. Acesso em 20 de abril de 2010.

GASPARETTO, Agenor – **Divulgação de pesquisas eleitorais e decisão do eleitor**. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (Org.), Txt Especial: Mídia e Política Textos de Cultura e Comunicação. Salvador: Facom, 1999.

GOMES, Wilson – **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

GOMES, Wilson – **Opinião pública política hoje. Uma investigação preliminar**. Paper, s.d.

HOLANDA, Sérgio Buarque de – **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

JOSÉ, Emiliano – **Imprensa e poder**. Bahia: Edufba, 1996.

\_\_\_\_Liderança da oposição - **Bispo Márcio Marinho será vice de ACM Neto**. <[http://www.liderancadaoposicao.ba.gov.br/agenciaMateria\\_completa.cfm?identificador=1813](http://www.liderancadaoposicao.ba.gov.br/agenciaMateria_completa.cfm?identificador=1813)>. Acesso em 13 de março de 2010.

\_\_\_\_Liderança da oposição - **PMDB minimiza rejeição de João Henrique**. <<http://www.lideranca.ba.gov.br/index.asp?site=jornais/ver.asp&codigo=7736&tipo=Correio%20da%20Bahia>>. Acesso em 25 de março de 2010.

LIMA, Venício A. de – **Televisão e Política: Hipótese sobre a eleição presidencial de 1989**; Comunicação & Política, São Paulo: 1990.

\_\_\_\_Kade Conquista – **Varela desfilia-se do PRB e abandona política**. <<http://www.kadeconquista.com/v1/tag/raimundo-varela/>>. Acesso em 3 de abril de 2010.

MAGALHÃES Antonio Carlos – **Se não fosse o jornalismo, eu não seria político. Então, eu devo ao jornalismo o gosto pela política**. In: MATTOS, Sérgio (Org.) – Memória da imprensa contemporânea da Bahia. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2008.

MARTINS, Vera – **Freud e a eleição para presidente**. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (Org.), Txt Especial: Mídia e Política Textos de Cultura e Comunicação. Salvador: Facom, 1999.

MIGUEL, Luís Felipe – **O Jornal Nacional e a reeleição**. In: Política e mídia no Brasil. Brasília: Plano Editorial, 2004.

MOREL, Marco – **Cipriano Barata na Sentinela da Liberdade**. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2001.

MUNIZ, Agostinho – **Todo jornal tem e sempre teve função política**. In: MATTOS, Sérgio (Org.) – Memória da imprensa contemporânea da Bahia. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2008.

NOGUEIRA, Rubem – **Casa de Ruy Barbosa. Ruy Barbosa - 149 Anos: Uma vida pelo bem comum**.

<<http://www.abicasaderuy.frb.br/agenda/midia/ruyvida.htm>>. Acesso em 7 de março de 2010.

\_\_\_\_Notícia Livre - **BAHIA: Varela casa e lança pré-candidatura da esposa.**  
<[http://www.noticialivre.com/index.php?option=com\\_content&view=article&id=666:bahivarela-casa-e-lanca-pre-candidatura-da-esposa&catid=39:noticia-livre&Itemid=56](http://www.noticialivre.com/index.php?option=com_content&view=article&id=666:bahivarela-casa-e-lanca-pre-candidatura-da-esposa&catid=39:noticia-livre&Itemid=56)>. Acesso em 29 de abril de 2010.

PORTO, Mauro Pereira; VASCONCELOS, Rodrigo Figueiredo de; BASTOS, Bruno Barreto – **A televisão e o primeiro turno das eleições de 2002 Análise do Jornal Nacional e do horário eleitoral** In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (Org.). Eleições Presidenciais em 2002 no Brasil: Ensaios sobre Mídia, Cultura e Política. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

\_\_\_\_Política Livre – Primeira pesquisa pós-Raimundo Varela aponta empate **técnico entre ACM Neto e Imbassahy**  
<<http://www.politicalivre.com.br/2008/06/primeira-pesquisa-pos-raimundo-varela-aponta-empate-tecnico-entre-acm-neto-e-imbassahy/>>. Acesso em 27 de fevereiro de 2010.

\_\_\_\_Políticos do Sul da Bahia – **Mulher de Raimundo Varela será candidata.**  
<<http://www.politicosdosuldabahia.com.br/v1/2010/03/05/mulher-de-raimundo-varela-sera-candidata/>>. Acesso em 18 de abril de 2010.

\_\_\_\_Políticos do Sul da Bahia – **Clima tenso entre Raimundo Varela e ACM Neto.** <<http://politicosdosuldabahia.blogspot.com/2009/04/clima-tenso-entre-raimundo-varela-e-acm.html>>.

RUBIM, Antonio Albino Canelas – **De Fernando a Fernando (II): Caleidoscópio mediático-eleitoral 1994.** In: Textos de Cultura e comunicação. Salvador: 1995.

\_\_\_\_Projeto Memória -  
<<http://www.projetomemoria.art.br/RuiBarbosa/glossario/j/joao-oliveira.htm>>. Acesso em 19 de março de 2010.

RUBIM, Antonio Albino Canelas – **Espetacularização e midiatização da política.** In: Comunicação e política conceitos e abordagens. São Paulo: Unesp.

RUBIM, Antonio Albino Canelas – **Novas configurações das eleições no Brasil contemporâneo.** In: .Txt Especial: Mídia e Política Textos de Cultura e Comunicação. Salvador: Facom, 1999.

\_\_\_\_Senado Federal – **Lei Eleitoral.**  
<<http://www.senado.gov.br/web/codigos/eleitoral/eleit010.htm>>. Acesso em 14 de abril de 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck – **A História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Mauad, 1994.

\_\_\_\_Soteroblog – **Projeto Quem é? Raimundo Varela.**  
<<http://soterablog.wordpress.com/2008/03/24/projeto-quem-e-raimundo-varela-prm-ba/>>. Acesso em 16 de abril de 2010.

SOUZA, Antonio Loureiro – **Apontamentos para a história da imprensa na Bahia.** In: TAVARES, Luís Guilherme Pontes (Org.). Apontamentos para a história da imprensa na Bahia. Bahia Academia de Letras da Bahia, 2008.

TAVARES, Luís Henrique Dias – **História da Bahia.** Bahia: Edufba, 2006.

\_\_\_\_Universia – Modelo de monografia,  
<<http://www.universia.com.br/universitario/materia.jsp?materia=16867>>. Acesso em 3 de fevereiro de 2010.

VARELA, Raimundo – **Eu acho que a notícia tem que ser verdadeira, esclarecida e explicada, não se pode vetar a informação.** In: MATTOS, Sérgio (Org.) – Memória da imprensa contemporânea da Bahia. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2008.

WELTMAN, Fernando Lattman – **A gestão do “fenômeno Collor” de uma eleição a outra.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

WOLTON, Dominique – **Pensar a comunicação.** Tradução Zélia Leal Adghirni. Brasília: Ed. UnB, 2004.











Pesquisa Rede Globo/Ibope,  
realizada entre os dias 2 a 6/11/88.  
Pergunta: "Se a eleição fosse hoje em quem você votaria?"

**FERNANDO JOSÉ 37%**

VIRGILDÁSIO SENA 14%

MANOEL CASTRO 10%

**É ELE**



**É ELE**



**É ELE É É É**



**É FERNANDO**



**QUE O POVO**



**QUER**



**FERNANDO JOSÉ. FUTURO  
PREFEITO DE SALVADOR.**

**PMDB**

# TRIBUNA DA BAHIA

Ano XX—Nº 6466— Salvador, Terça-Feira, 15 de Novembro de 1988—Capital Cr\$100,00; Interior Cr\$130,00 — Outros Estados Cr\$150,00

Na Bahia, 5.572.036 eleitores vão escolher hoje 367 prefeitos e 4.100 novos vereadores.

## Brasil elege novos prefeitos e vereadores

Os milhões de eleitores brasileiros vão eleger, hoje, entre milhares de candidatos a prefeito e vereador, os novos dirigentes municipais e integrantes do Legislativo. Em Salvador, 910 mil 620 pessoas estão habilitadas para votar e irão às urnas escolher entre Fernando José (PMDB), Virgildásio Senna (Frente Salvador), Manoel Castro (PFL-PDS-PTB), Zezé Ribeiro (PT), Abigail Feitosa (PSB) e Cristóvão Ferreira (PDC), quem será o novo prefeito por um período de quatro anos, ocupando, a partir de 1º de janeiro, o cargo ocupado por Mário Kertész. Em todo o estado irão às urnas 5 milhões 572 mil 620 eleitores, para eleger 367 dos 1.127 candidatos a prefeito, apresentados por 21 partidos políticos, e cerca de 4 mil 100 entre os 25 mil 900 postulantes à Câmara de Vereadores. Destes, 836 disputam uma das 33 vagas na Câmara de Salvador. Os candidatos majoritários da capital tiveram agenda cheia ontem. Fernando José, que acredita ganhar a eleição com 50 por cento da preferência do eleitorado, começou a escolher a sua equipe de governo. O primeiro nome foi o de Aroldo Cedraz, secretário de Irrigação do Estado, que foi afastado do cargo pelo governador Waldir Pires. Virgildásio Senna reafirmou estar confiante, creditando o alto índice obtido nas pesquisas à manipulação das estatísticas pelo prefeito Mário Kertész. Manoel Castro intensificou o corpo-a-corpo, enquanto Zezé Ribeiro intensificou o treinamento de fiscais. Páginas 2, 3, 4, 5 e 6.



Confiante na vitória, Fernando José encontrou tempo para um almoço, ontem, com a mulher e os filhos.



Num trabalho incessante nesta reta final, Virgildásio tomou um chope perto do comitê eleitoral.

### AS ÚLTIMAS PESQUISAS

DataFolha

Fernando 38%

Virgildásio 18%

Manoel 14%

Gallup

Fernando 40%

Manoel 14%

Virgildásio 12%

Ibope

Fernando 44%

Virgildásio 17%

Manoel 10%



Boca de urna: adversários, não inimigos.



# Fernando José assume Prefeitura de Salvador



Kertész passa o cargo hoje para Fernando José, que vai administrar a cidade nos próximos quatro anos.

Eleito para um mandato de quatro anos, o radialista Fernando José (PMDB) nesta posse hoje assume a prefeitura de Salvador. Ele substitui Mário Kertész, também do PMDB, que administrou a cidade nos últimos três anos.

Com assessoria de filiação a partidos políticos, Fernando José ingressou no PMDB para se tornar o candidato a prefeito de Salvador. Conseguiu nas urnas um total de 274.271 votos, que representam 31,78 por cento, bem menos que o total de votos, brancos e abstenções, de 372.239.

Aos 45 anos, o radialista assume o Executivo Municipal prometendo que será o competente administrador como tem sido na sua profissão, e garante que não esquecerá do senso crítico que cultivou no programa de rádio "Balanço Geral" que lhe rendeu popularidade.

Nascido no bairro de Santo Antônio

Alto do Carmo, Fernando José viveu ali, toda a sua infância e parte da adolescência. Concluiu o curso de Contabilidade na Escola Técnica de Bahia, mas acabou optando pela profissão de radialista, iniciada em 62, na Rádio Cultura. Sua popularidade entrou em ascensão no ano de 80 quando começou a trabalhar no Sistema Nordeste de Comunicação, do empresário Pedro Irujo, seu patrono na campanha eleitoral.

Depois de conquistar um bom público com o programa "Balanço Geral", transmitido na Rádio Sociedade para depois ser veiculado também na TV Imprensa, Fernando José ficou conhecido como o "que mata a cobra e mostra o pau", com suas ferrenhas críticas às administrações municipais e estaduais. O prefeito é casado com Nadeje Rocha, tem dois filhos e reside no bairro da Graça.

**SECRETARIADO**

Fernando José confirmou na quarta-feira passada os nomes dos seus secretários: José Hamilton Sampaio (Tribuna) e Desenvolvimento Econômico), Sérgio Sant'Ana (Saúde), Ivan Coimbra (Moto Ambulância e Defesa Civil), José Barbosa (Transportes), Roberto Pinho (Projetos Esportivos), Eliana Kertész (Educação), Aurélio Cozzari (Casa Civil), Raimundo Mazoni (Comunicação Social), Manoel Ribeiro Filho (Finanças e Administração), Cleber Miranda (Planejamento), Aurélio Carlos Barbosa (Abaixamento e Defesa do Consumidor), José Afonso Ribeiro (Terra e Habitação) e Geraldo Tavares (secretário particular).

Fernando José fala de sua vida pessoal em *Conta na intimidade*, página 12 do caderno *Veja/Opinião*.

# Tribuna da Bahia

SALVADOR, SEGUNDA-FEIRA, 24 DE SETEMBRO DE 2007 ANO XXXVIII - Nº 12084 - <http://www.tribunadabahia.com.br> CAPITAL E SERGIPE R\$1,00

**MENINAS DO BRASIL FAZEM SEMIFINAL COM OS EUA** PÁG. 13

**Casa Cor dá um toque de charme no Porto da Barra** PÁG. 17

## Pesquisa Data Quali mostra equilíbrio entre os candidatos

# Sucessão municipal está embolada

Falta pouco mais de um ano para as eleições municipais de 2008, alguns candidatos ainda não se definiram como tal, mas parte da população de Salvador já tem em mente em quem votar para ocupar o Palácio Thomé de Souza.

Pesquisa realizada pelo Instituto Data Quali, encomendada pelo DEM, mostra equilíbrio entre os candidatos, numa composição que inclui o ex-prefeito Antonio Imbassahy, (PSDB), na dianteira, e Nelson Pelegrino, (PT), na vice-presidência.

**19%** Antonio Imbassahy (PSDB)

**18%** Raimundo Varella (PRB)

**15%** ACM Neto (DEM)

**13%** João Henrique (PMDB)

**11%** Lídice da Matta (PSB)

**8%** Nelson Pelegrino (PT)

PÁG. 3

ARTE: MARCIA RODRIGUES



# Pesquisa revela disputa embolada em Salvador

## Imbassahy e Varela na frente

Confirmando a tendência de pesquisas realizadas anteriormente sobre a disputa pela sucessão do prefeito João Henrique, em 2008, o ex-prefeito Antônio Imbassahy e o apresentador de rádio e TV Raimundo Varela continuam na frente em uma nova sondagem, feita pelo Instituto Data Quali, agora com um empate técnico rigoroso entre os dois. Os demais candidatos continuam praticamente com o mesmo desempenho das pesquisas anteriores. Contudo, o deputado federal ACM Neto aparece como a grande surpresa desta nova enquete, que o coloca na terceira posição, bem próximo dos dois líderes.

EVANDROMATOS

Uma pesquisa do Instituto Data Quali, encomendada pelo DEM, e divulgada ontem na coluna "Painel" do jornal Folha de S. Paulo, apresenta novos dados para a corrida pela eleição de Salvador em 2008.

Os números divulgados ontem apresentam o ex-prefeito Antônio Imbassahy (PSDB) na primeira posição, com 19%, seguido em empate técnico rigoroso pelo apresentador de rádio e TV Raimundo Varela (futuro PRB), que tem 18%. A grande surpresa da pesquisa é o deputado federal ACM Neto (DEM), que aparece na terceira posição, com 15%, praticamente empatado tecnicamente com os dois primeiros colocados. A pesquisa mostra ainda o prefeito João Henrique (PMDB) com 13%, seguido da ex-prefeita e atual deputada federal Lidice da Mata (PSB), com 11%, e do deputado federal Nelson Pelegrino (PT), com 8%.

Retomando de uma viagem ao interior, onde esteve cumprindo uma extensa agenda como

presidente do PSDB para filiação de prefeitos e novas lideranças nas diversas regiões do Estado, o ex-prefeito Antônio Imbassahy se disse contente com o resultado da pesquisa. "Vejo o resultado com muita satisfação e alegria, principalmente porque os mais diversos institutos têm me apresentado sempre numa posição de destaque, o que me faz agradecer à população de Salvador pela confiança", disse ele. O ex-prefeito peessedebista creditou o resultado da pesquisa à sua administração à frente da prefeitura: "Acredito que o resultado seja fruto do trabalho desenvolvido como prefeito de Salvador", lembrou.

Imbassahy disse ainda que, ultimamente, vem se dedicando intensamente ao trabalho de crescimento do seu partido no interior do Estado. Embora satisfeito com os números que lhe apontam na primeira colocação de mais uma pesquisa para a sucessão municipal de Salvador, o ex-prefeito não quis comentar sobre os outros pré-candidatos. "Faço comentários apenas sobre a minha posição", concluiu.



▲ Imbassahy está confiante

## Varela não fala e João acha cedo

Praticamente empatado com o ex-prefeito Antônio Imbassahy (PSDB), o radialista Raimundo Varela (futuro PRB) obteve 18% na preferência dos entrevistados pelo Instituto Data Quali. Como das pesquisas divulgadas anteriormente, nesta também ele se mantém nas primeiras colocações, fruto da sua popularidade junto às classes de menor poder aquisitivo, que lhe dão uma grande audiência no rádio e na TV. E é com este público que Varela pensa em contar para fortalecer a sua candidatura rumo ao Palácio Thomé de Souza. A Tribuna tentou várias vezes, mas não conseguiu ouvi-lo para comentar sobre a pesquisa.

Avaliado com 13% das intenções de voto na pesquisa Data Quali, o prefeito João Henrique (PMDB) não foi localizado para comentar os números, mas o seu secretário de Comunicação, Jair Mendonça, avaliou ser prematuro se falar em pesquisa agora, a pouco mais de um ano para a eleição. Mendonça lembrou que o prefeito João Henrique governou os dois primeiros anos sem o apoio do governador do Estado e que,

agora, "com o apoio do ministro Geddel Vieira Lima e parceria com o governador Jaques Wagner e o presidente Lula, isso, na prática, quer dizer celebração de convênios, que já está acontecendo com várias obras de vulto".

Na verdade, esta não é a primeira sondagem em que o peemedebista apresenta um desempenho abaixo dos seus principais concorrentes. Nas que foram divulgadas anteriormente, o seu desempenho também foi mais ou menos igual ao de agora. Nos últimos dias, o prefeito tem feito um forte trabalho de mídia tentando recuperar a sua imagem perante a população, mas ainda não foi desta vez que os resultados apareceram. Mas, na avaliação de Jair Mendonça, as obras de vulto como o metrô, o recapeamento asfáltico na cidade, o banho de luz, a requalificação da educação e da saúde, entre outras, deverão mudar positivamente a administração do prefeito João Henrique. "Todas estas obras estarão concluídas em 2008. Por isso, o quadro tende a mudar", avaliou secretário. (EM)

## Pelegrino: "Revela o momento"

Já o deputado Nelson Pelegrino, que tem a sua pré-candidatura sustentada por várias facções dentro do PT, comentou os resultados da pesquisa em meio a um evento do seu partido na cidade de Camaçari, na Região Metropolitana de Salvador. "A pesquisa revela um momento de todos os pré-candidatos que estão na disputa. Agora, é preciso também ver outros fatores, como rejeição. Mas me sinto contente por ser lembrado pela população", comentou o petista. Dentre os principais concorrentes ao Palácio Thomé de Souza, Pelegrino é o último colocado, com 8% das intenções de voto, segundo o

Data Quali.

O deputado petista ainda não pode assumir a sua candidatura publicamente, uma vez que o seu partido participa da administração do prefeito João Henrique, já declarado candidato a reeleição. Contudo, Pelegrino disse que acha legítimo o PT apresentar um candidato para disputar a prefeitura de Salvador, e que a ideia vai continuar sendo discutida internamente pelo PT. "Continuo com a convicção de que esse é o melhor caminho. É preciso ter tranquilidade para analisar o cenário e, no momento certo, decidir", avaliou o petista. (EM)

## ACM Neto, a grande surpresa

O deputado Antônio Carlos Magalhães Neto (DEM) disse que está satisfeito com os resultados das últimas pesquisas sobre a sucessão municipal em Salvador. Ele afirmou que está "pensando com muito carinho" na possibilidade de ser candidato nas eleições do ano que vem. "Tenho ouvido apelo de diversas lideranças do meu partido e aliados. Tenho andado por Salvador. Tenho visto de perto as carências da cidade. E Salvador, agora, precisa de políticos sérios, comprometidos com a cidade, que venham com energia, com vontade de trabalhar para dar uma chacoalhada na cidade", afirmou ACM Neto. Para o deputado, as pesquisas apontam que a população desaprova a administração do prefeito João Henrique Carneiro (PMDB). "Ele tem feito uma

administração medíocre e desastrosa. Demonstra que não é merecedor da confiança que recebeu dos soteropolitanos. Está mais preocupado em criar factóides visando a cidade", que em governar a cidade", afirmou. "O prefeito deveria fazer urgentemente uma blitz na própria administração, principalmente nas áreas mais sensíveis, a exemplo da saúde", recomendou o deputado.



▲ ACM Neto desconfia

## Sérgio Guerra vê vitória de Imbassahy como "fundamental"

O senador Sérgio Guerra (PE), provável futuro presidente nacional do PSDB, disse ontem em Salvador que a capital baiana é uma cidade em que a eleição pode fazer a diferença para o partido em 2008, numa referência direta ao candidato tucano a prefeito, Antônio Imbassahy, apontado como favorito à sucessão municipal, segundo as últimas pesquisas de opinião. "Nas principais cidades governadas pelo PSDB temos a reeleição assegurada. Ganhar aqui (em Salvador) é a confirmação da previsão de que o partido crescerá muito em todo o País", disse o senador, que foi recebido no Aeroporto pelo próprio Imbassahy, atual presidente regional do partido, pelo deputado federal Jutahy Jr., o presidente da Assembleia, Marcelo Nilo, o deputado estadual Sérgio Passos, o ex-governador Roberto

Santos e o ex-deputado federal Nestor Duarte Neto.

De lá, o grupo rumou para Alagoinhas, onde o partido fez uma festa para a filiação do ex-deputado Paulo César, que concorrerá à Prefeitura local. Sérgio Guerra disse ter ficado extremamente satisfeito ao tomar conhecimento de que o PSDB conseguiu se organizar em 370 municípios balanos e registrou o ingresso de mais de 30 prefeitos só este ano. O senador comentou a pesquisa Estadual/ Ipsos, que aponta a liderança folgada do tucano José Serra à sucessão presidencial, com 32% das intenções de voto, afirmando ver nos números uma indicação forte de que o partido deve ganhar a eleição em 2010. Ao falar sobre a absolvição do presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB), disse ser importante lembrar que o PSDB não foi cúmplice do fato, que classificou como "deplorável".

## DE OLHO NOS BLOGS

RICARDO NOBLAT

### Lula: América Latina não procura por líder

De Lula em entrevista a **Alexei Barri-nuevo**, no New York Times.

Nós na América Latina não estamos à procura de um líder. Nós não precisamos de um líder. O que precisamos é construir uma harmonia política porque a América do Sul e a América Latina precisam aprender a lição do século 20. Nós tivemos oportunidade para crescer, tivemos oportunidade para nos desenvolvermos, mas perdemos tal oportunidade. Assim, continuamos sendo países pobres.

Nós estamos experimentando um momento auspicioso no Brasil no momento.

Eu não acredito que haja qualquer evidência de que o Darcy cometeu o crime de que está sendo acusado.

Nós democratizaremos o acesso à energia", ele disse. "Em vez de 10 países produzindo petróleo, nós poderíamos ter 120 países produzindo biocombustíveis."

Eu não vou fazer um programa de doutorado na Universidade de Harvard.

Quando eu deixar a presidência, a única coisa que quero na vida é ser tratado como amigo por todos aqueles que eram meus amigos antes de assumir o cargo.

JOSIAS DE SOUZA

### Renan: novo advogado

Sem advogado desde a última sexta-feira (21), Renan Calheiros cogita contratar Maurício Corrêa como seu novo defensor. Corrêa diz ter tido conversas a respeito do tema com o presidente do Senado. Mas alega que, por ora, não há definições quanto à contratação efetiva.

Maurício Corrêa já foi, ele próprio, senador. Sob Itamar Franco, respondeu pelo Ministério da Justiça. Depois, foi alçado ao posto de ministro do STF. Apoiado, constituiu banca advocatícia em Brasília. As vésperas da fatídica sessão em que Renan foi absolvido pela maioria dos seus pares, Corrêa redigiu um artigo em defesa do senador.

ANCELMO GÓIS

### Balão apagado

Marco Maia, relator da CPI do Apagão da Câmara, prometeu incluir no seu relatório o parecer da subcomissão de marco regulatório que esvazia a Anac e enche a bolsa do Ministério da Defesa.

Ficaria com a pasta de Nelson Jobim, por exemplo, a responsabilidade de tratar de concessões de linhas aéreas, da exploração de infra-estrutura aeroportuária e regular as tarifas do transporte aéreo.

CLÁUDIO HUMBERTO

### Falhas no Iphan

O Tribunal de Contas da União aponta, em auditoria, irregularidades em licitações e contratos, principalmente nas obras de intervenção em bens tombados. Também foram detectadas deficiências no funcionamento e na alocação de recursos disponíveis no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. De acordo com o Tribunal, o Iphan conta com apenas 67% dos seus cargos preenchidos e os recursos humanos estavam aparentemente mal distribuídos.



